


unesp  **UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA**
“JÚLIO DE MESQUITA FILHO”
Faculdade de Ciências e Letras
Campus de Araraquara - SP

LETÍCIA NEGRÃO CHAMMA

O FENÔMENO DO POPULISMO DIGITAL:
OS NOVOS MEDOS E A MASSA DIGITAL NO GOVERNO DE JAIR MESSIAS
BOLSONARO



ARARAQUARA – S.P.
2020

LETÍCIA NEGRÃO CHAMMA

**OFENÔMENODOPOPULISMO DIGITAL: os novos medos e a
massa digital no governo de Jair Messias Bolsonaro**

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC)
apresentado ao Conselho de Curso de Ciências
Sociais, da Faculdade de Ciências e Letras –
Unesp/Araraquara, como requisito para obtenção
do título de Bacharel em Ciências Sociais.

Orientador: João Carlos Soares Zuin

ARARAQUARA – S.P.
2020

C448f	<p>Chamma, Letícia Negrão</p> <p>O fenômeno do populismo digital : os novos medos e a massa digital no governo de Jair Messias Bolsonaro / Letícia Negrão Chamma. -- Araraquara, 2020</p> <p>88 p. : tabs.</p> <p>Trabalho de conclusão de curso (Bacharelado e licenciatura - Ciências Sociais) - Universidade Estadual Paulista (Unesp), Faculdade de Ciências e Letras, Araraquara</p> <p>Orientador: João Carlos Soares Zuin</p> <p>1. Ciências Sociais. 2. Sociologia Brasil. 3. Linguagem. 4. Redes Sociais. 5. Populismo. I. Título.</p>
-------	---

Sistema de geração automática de fichas catalográficas da Unesp. Biblioteca da Faculdade de Ciências e Letras, Araraquara. Dados fornecidos pelo autor(a).

Essa ficha não pode ser modificada.

LETÍCIA NEGRÃO CHAMMA

O FENÔMENO DO POPULISMO DIGITAL: os novos medos e a massa digital no governo de Jair Messias Bolsonaro

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado ao Conselho de Curso de Ciências Sociais, da Faculdade de Ciências e Letras – Unesp/Araraquara, como requisito para obtenção do título de Bacharel em Ciências Sociais.

Orientador: João Carlos Soares Zuin

Data da defesa/entrega: 09/10/2020

MEMBROS COMPONENTES DA BANCA EXAMINADORA:

Presidente e Orientador: Prof. Dr. João Carlos Soares Zuin – Unesp/ Araraquara

Membro Titular: Prof. Dr. Carlos Henrique Gileno – Unesp/ Araraquara

Membro Titular: Prof. Dr. Marcelo Santos – Unesp/Araraquara

Local: Universidade Estadual Paulista
Faculdade de Ciências e Letras
UNESP – Campus de Araraquara

“A natureza das coisas ama esconder-se.”
(Heráclito de Éfeso)

RESUMO

O fenômeno do populismo digital contemporâneo é desenvolvido no Brasil por Jair Messias Bolsonaro. Articulando as visões de mundo neoliberal e neoconservadora a partir da mobilização dos novos medos e do ressentimento, o líder populista busca inflamar as massas a fim de redefinir o significado das ideais de povo, nação e sociedade. Isso só é possível na era da rede e na era da globalização, em que é estabelecida uma comunicação direta entre líder e massa digital. Assim, a pesquisa tem como objetivo geral compreender o que é o fenômeno do populismo contemporâneo no Brasil. Para isso, será feita a análise do discurso político emotivo e da manifestação estética de Jair Bolsonaro no *Twitter* entre o dia 6 de setembro de 2018 e 11 de abril de 2019, bem como dos comentários feitos pelos seus seguidores. Esta análise terá como base a investigação sociológica da força das ideias de Karl Mannheim e da socialização e reciprocidade de Georg Simmel. Também serão utilizadas a investigação da estética social de Barbara Carnevali e dos estudos linguísticos de George Lakoff e Giuseppe Antonelli. No total foram analisados 148 *tweets* de Bolsonaro e 25 *tweets* de seus seguidores, sendo possível destacar a identificação plena com a voz do líder, o uso de emologismos e uma linguagem simples, vulgar e agressiva. Em suma, Jair Bolsonaro articula os novos medos a partir de uma ressignificação do que é a família, as políticas de segurança pública, o combate à corrupção material e moral, o combate às ideologias de esquerda e do que é a noção de progresso e prosperidade. Por fim, foi possível perceber como as emoções e os sentimentos influenciam a política, na medida em que o líder populista Jair Messias Bolsonaro consegue compreender a fragilidade do ser humano nas redes sociais e colher quais são os novos medos, as aflições, os sofrimentos e as inquietações de parcela da população brasileira, inserida no contexto de desorientação social, e propor uma nova ordem social reativa.

Palavras – chave: Populismo Digital. Jair Messias Bolsonaro. Globalização. Novos Medos. Redes Sociais.

ABSTRACT

The phenomenon of digital contemporary populism is developed in Brazil by Jair Messias Bolsonaro. Articulating the neoliberal and neoconservative worldviews from the mobilization of new fears and resentment, the populist leader seeks to inflame the masses in order to redefine the meaning of the ideas of people, nation and society. This is only possible in the age of the network and in the age of globalization, in which a direct communication between the leader and the digital mass is established. Thus, the research has the general objective of comprehend the phenomenon of contemporary populism in Brazil. For that, the analysis of the political and emotive discourse and the esthetical manifestation by Jair Bolsonaro it will be made on *Twitter*, between September 6, 2018 and April 11, 2019, as well as the comments made by his followers. This analysis will be based on the sociological investigation of the force of the ideas by Karl Mannheim and the sociation and reciprocity by George Simmel. The social esthetic investigation by Barbara Carnevali and the linguistic studies by George Lakoff and Giuseppe Antonelli will also be used. In total, 148 *tweets* from Bolsonaro and 25 *tweets* from his followers were analyzed, highlighting the total identification with the leader's voice, the use of emologismos and of a simple, vulgar and aggressive language. In short, Jair Bolsonaro articulates the new fears from a resignification of what the family is, the public security politics, the fight against material and moral corruption, the fight against left-wing ideologies in politics, and what is the notion of progress and prosperity. Finally, it was possible to perceive how emotions and feelings influence politics, as the populist leader Jair Messias Bolsonaro manages to comprehend the fragility of the human being in the social networks and reap what are the new fears, the afflictions, the sufferings and the concerns of part of the Brazilian population that is inserted in the context of social disorientation and to propose a new reactive social order.

Keywords: Digital Populism. Jair Messias Bolsonaro. Globalization. New Fears. Social Networks.

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1	Distribuição percentual de rendimento	33
Gráfico 2	Riqueza mundial	34
Gráfico 3	Distribuição da riqueza no mundo	34

LISTA DE TABELAS

Tabela 1	Alcance de pessoas por <i>retweets</i> , <i>likes</i> e comentários	53
Tabela 2	Uso das palavras por Jair Messias Bolsonaro	71

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	11
2. FUTUROS INCERTOS: NOVOS MEDOS E RESENTIMENTO NA ORDEM SOCIAL GLOBAL.....	14
2.1 Sociedade da aceleração: os nexos entre neoliberalismo e os novos medos	14
2.2 Sobre a especificidade do medo humano.....	24
2.3 Eu emotivo: instrumentalização política do medo e do ressentimento.....	28
3. O POPULISMO CONTEMPORÂNEO NO BRASIL: UM FENÔMENO INAUDITO	40
3.1 A mentalidade populista desenvolvida por Jair Messias Bolsonaro.....	40
3.2 O sujeito digital: a linguagem populista e os seguidores de Jair Messias Bolsonaro .	66
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS	81
5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	84

1. INTRODUÇÃO

Medos, inquietações, inseguranças, incertezas, raiva, ódio, ressentimento, frustrações... Essas são apenas algumas das palavras que caracterizam a essência do tempo presente: um sentimento difuso e geral de desorientação. O desconhecimento de si e da realidade, a sensação de nada saber e de insignificância frente às forças sociais que movimentam o mundo adquirem na modernidade a qualidade de fenômeno social, transcendendo a mera sensação individual. Fernando Pessoa sentiu profundamente os paradoxos e as contradições modernas e foi capaz de traduzir em palavras, a partir de seu semi-heterônimo Bernardo Soares, o que é um mundo cujos pontos de referência e modelos de orientação são constante e aceleradamente transformados:

“Então, como se o vento nelas desse, e fossem nuvens, todas as ideias em que temos sentido a vida, todas as ambições e desígnios em que temos fundado a esperança na continuação dela, se rasgam, se abrem, se afastam tornadas cinzas de nevoeiros, farrapos do que não foi nem poderia ser.”
(SOARES/PESSOA, 2006, p. 74)

Ainda que os escritos de Pessoa se refiram a realidade do final do século XIX e do começo do século XX, as diversas formas de caracterizar o tempo presente frequentemente se reportam à modernidade. O medo é o sentimento que permanece, e a necessidade de segurança e de certeza é intensificada com o fenômeno da “aceleração social” (ROSA, 2013). Essa necessidade, por sua vez, gera a busca por hierarquias capazes de dotar de sentido e de significado a realidade social, e na medida em que é combinada com os novos medos e o sentimento de ressentimento, desencadeiam um processo de exclusão e de culpabilização de indivíduos e grupos sociais (BURGIO, 2010). Dessa forma, a desorientação se associa à mimetização, em que o indivíduo busca na política a figura de um líder que afirme convictamente o senso e o significado da vida social e que tenha “explicações simples para tudo” (BODEI, 2003, p. 251).

É tendo em vista esse contexto social que o objetivo geral desta pesquisa é compreender o desenvolvimento da mentalidade populista no Brasil. São objetivos específicos: a) investigar os nexos entre os novos medos e o capitalismo técnico-financeiro, neoliberal e global, b) investigar sociologicamente o discurso político emotivo e a estética social de Jair Messias Bolsonaro, disseminado e difundido em seu *Twitter*, entre os dias 6 de setembro de 2018 (dia em que sofreu uma tentativa de assassinato) e 11 de abril de 2019 (100

dias de governo), e c) investigar a interação digital estabelecida entre o líder populista e os seus seguidores, a partir de seus comentários, curtidas e *retweets*.

Compreender de que maneira os valores e a força das ideias se manifestam na visão de mundo dos diversos atores sociais e grupos de interesse (MANNHEIM, 1936) é fundamental para entender como se constitui uma nova forma de “interação” e de “sociação” (SIMMEL, 2006) na era digital e global. Assim, a manifestação estética (CARNEVALI, 2012) de Jair Bolsonaro desenvolvida nas suas redes sociais se insere no fenômeno global do populismo contemporâneo que, a partir de uma linguagem simples, rápida e agressiva para com os inimigos (ANTONELLI, 2017) é capaz de redefinir as noções de povo, nação e sociedade. Dessa forma, a presente pesquisa propõe investigar como os novos medos e o ressentimento com a atual ordem social desencadeiam uma nova forma de política populista a partir do “reenquadramento” (LAKOFF, 2004) da realidade por meio de uma visão de mundo neoconservadora e neoliberal.

De início, será exposto as grandes e profundas transformações que ocorreram no tempo histórico e no espaço social com o fenômeno da “aceleração social” (ROSA, 2013) e com a nova ordem capitalista técnico-financeira, neoliberal e global, evidenciando os nexos entre essa nova realidade com o surgimento e a produção de novos medos e do ressentimento. A partir disso, serão caracterizados quais são os novos medos, enquanto um sentimento exclusivamente humano, e qual a sua função social na política e na vida pública a partir das questões da identidade e dos valores. Em seguida, mostraremos como o crescimento do fenômeno do populismo contemporâneo no mundo está relacionado com os novos medos e o ressentimento na era da globalização.

Assim, apresentaremos uma definição do populismo contemporâneo enquanto uma “*forma mentis*” ou mentalidade, tendo como base os estudos do cientista político italiano Marco Tarchi, e como ela é desenvolvida no Brasil pelo presidente da República Jair Messias Bolsonaro. Para isso, será analisado o discurso político e emotivo e a estética social de Bolsonaro no *Twitter* e os comentários de seus seguidores, como forma de compreender a nova interação que se estabelece na era global e digital entre o líder e a massa digital. Por fim, será evidenciado como essa nova forma de interação digital é desenvolvida pelos líderes populistas contemporâneos por meio de uma nova forma de linguagem que adentra a esfera da política: uma linguagem simples, rápida, vulgar, curta, amigável para com os iguais e agressiva e bruta para com os inimigos.

1

2. FUTUROS INCERTOS: NOVOS MEDOS E RESENTIMENTO NA ORDEM SOCIAL GLOBAL

2.1 Sociedade da aceleração: os nexos entre neoliberalismo e os novos medos

« O terror é a realização da lei do movimento.» (Hannah Arendt, Origens do Totalitarismo)

A passagem do século XX para o século XXI que significou a conquista da hegemonia econômica, política, social e cultural do sistema capitalista técnico-financeiro, enquanto modo de produção e modo de vida, não teve como única consequência uma sociedade baseada nos valores do mercado livre. Muito pelo contrário. Essa própria conformação neoliberal do capitalismo contemporâneo desencadeou diversas transformações no mundo da vida. O esvaziamento da importância do Estado social e da própria política¹, isto é, a afirmação de que o Estado é ineficiente, improdutivo em todos os seus serviços, corrupto e de que oprime o indivíduo ao impor deveres e responsabilidades sociais, retirou do Estado a capacidade de vincular as identidades pessoais à identidade nacional e, assim, de produzir um senso de pertença comum e uma orientação coletiva.

É claro que a potência que o Estado teve em dar sentido e significado à totalidade da vida de seus cidadãos na modernidade, não pode ser equiparada à magnitude que teve a religião em épocas pré-modernas. As certezas destruídas de uma antiga ordem religiosa deixaram um imenso vazio na vida de todos os cidadãos, que mesmo preenchido parcialmente pelo Estado-Nação, gerou uma imensa sensação de desorientação. A vida deixou de ser um dado imediato e também deixou de existir uma verdade universal sobre o que ela é e o que ela significa, e assim, as perguntas feitas por todo ser humano: para onde vamos depois da morte? quem somos? como devemos nos comportar? não possuem mais uma resposta pré-determinada por autoridades religiosas e/ou políticas. Nem com análises metodicamente construídas, científicas e objetivas é possível resolver essas questões que permeiam o indivíduo moderno e os sujeitos de todas as épocas. Desse modo, a despotencialização do Estado enquanto fonte de referência foi fundamental para acentuar drasticamente um processo que já vinha acontecendo desde o início da era moderna. Hoje, não podemos mais prever o

¹ Na visão de mundo neoliberal, o Estado não só impôs sacrifícios e renúncias a todos os seus cidadãos e cidadãs, mas também criou uma forma de vida passiva e dependente do próprio Estado para existir, o que impediu que os indivíduos desenvolvessem e aprimorassem suas capacidades inventivas e criativas, ao passo que o Mercado é considerado como essencialmente virtuoso, plenamente justo e o espaço em que novas formas de riqueza podem ser alcançadas.

que vai acontecer no futuro distante e, muitas vezes, próximo. Se antes sabíamos que iríamos morrer na mesma cidade em que nascemos, sabíamos a profissão que nos aguardava e as associações a que deveríamos nos identificar, como a família, a Igreja, os partidos, os sindicatos, entre outros, no mundo atual, não sabemos o que nos espera no dia de amanhã, e nem mesmo no dia hoje.

Ora, o medo do presente e do futuro imediato é apenas um dos novos medos que nascem com o surgimento de uma nova ordem social global e neoliberal. Podemos citar vários outros, como: o medo do desemprego, da falta de assistência à saúde; o medo da queda no nível de vida, de não ter mais uma renda compatível com um determinado padrão de consumo; o medo de não conseguir ser um indivíduo considerado produtivo para o sistema capitalista e, portanto, para as pessoas ao seu redor; e, o medo de não conseguir acompanhar as mudanças que acontecem na realidade, sejam elas mudanças técnicas ou culturais, e se tornar uma pessoa obsoleta. De certa forma, todos esses medos estão ligados a uma das fontes dos “novos medos” que o antropólogo Marc Augé (2014a) deriva das mudanças econômicas e tecnológicas, e da consequente mudança na organização do trabalho e do processo de produção. Para o antropólogo francês, a conquista da hegemonia pelo Mercado², junto ao poder das empresas e dos meios de comunicação, exige de cada indivíduo o aumento sempre maior da performance, da eficácia e da eficiência, da criatividade e da produtividade. Hoje, o corpo daqueles indivíduos considerados vencedores é refém de procedimentos químicos que dopam, drogam e equipam um corpo capaz de suportar horas seguidas de esforço físico ou mental e noites mal dormidas (AUGÉ, 2014a).

Podemos afirmar que diversas substâncias sempre foram usadas para potencializar e alterar a performance corporal e mental (como a cafeína, a cocaína, a nicotina, a anfetamina) e que o medo do desemprego já era algo presente em outros tempos. O que, então, torna os novos medos novos? Segundo Augé (2015, p. 8), trata-se, sobretudo, de uma mudança de escala “fundamentalmente econômica e tecnológica”: os novos medos e as suas consequências afetam as pessoas agora em um contexto global. É o que o filósofo Paul Virilio descreve como a “sincronização da emoção em escala global” (VIRILIO, 2012, p. 30), possibilitada pela bomba informacional, proveniente dos meios de comunicação, como a televisão e as mídias digitais. Segundo o filósofo, cria-se uma “comunidade de emoções” que

² A palavra Mercado sempre será utilizada em letra maiúscula como expressão da visão de mundo, dos valores e da racionalidade neoliberal.

perpassa as diversas classes sociais e faz com que “a mesma sensação de terror possa ser sentida em todos os cantos do mundo ao mesmo tempo” (VIRILIO, 2012, p. 30). Junto a isso, Augé (2015, p. 37) também aponta para um “regime dos medos”, no qual o desespero individual torna-se coletivo. Assim, os medos assumem novas formas com o processo e o fenômeno da globalização, em que a relação com os meios de comunicação alcança um papel fundamental: se por um lado possibilita a repercussão imediata de todos os acontecimentos ao redor do planeta, por outro, esses fatos só nos impactam quando estão ligados ao nosso cotidiano (AUGÉ, 2014b). De toda forma, a questão é que os fatos e os acontecimentos tendem a ser sempre maiores, mais intensos e extensos em suas consequências, muito devido à abundância de estímulos, de referências, de modelos de vida que ocorrem com a dilatação de possibilidades na supermodernidade, e com a incessante captura de imagens de tudo e de todos. Em suma, o que é possível perceber é o aumento da complexidade da realidade, o que torna o presente e o futuro imediato imprevisíveis e, portanto, fonte de inseguranças e incertezas permanentes: fonte dos novos medos.

Sem dúvida, a supermodernidade é uma era que transformou e transforma os valores, as formas de relacionamento e as instituições da chamada primeira modernidade (século XVIII – 1970/80) e da própria era moderna (século XV – 1789) que, a partir da revolução no pensamento e da criação de uma forma de linguagem científica baseada na matemática, possibilitou a ênfase na política e a consequente despotencialização da religião, isto é, se retirou o monopólio da verdade das forças religiosas e do discurso teológico. Hoje, quem sofre tal despotencialização é a própria política em prol do mercado. Esse processo, contudo, desloca os pontos de referência e orientação antes centrados no Estado (e antes do Estado, na religião). O que torna a atualidade fonte inaudita, em escala e em intensidade, de medos, angústias e temores, junto com a questão da escala global, é o paradoxo a que o mercado submete a todos: ele se constitui enquanto um centro de referência descentralizado. De um lado, é no Mercado e a partir dele como a principal mediação com a realidade social que buscamos nossas identidades (e o plural aqui é importante, pois ao longo de nossas vidas associamo-nos a diversos grupos identitários e valorativos), nossos relacionamentos e nossos valores, ou seja, toda conduta humana passa a ser uma “conduta econômica” e toda esfera da existência passa a ser mensurada também por termos econômicos (BROWN, 2015, p. 10). De outro, ele nos fornece possibilidades infinitas de orientação, uma autonomia *de jure* sem precedentes. Essa autonomia também é paradoxal. Ao mesmo tempo em que o Mercado e o próprio tempo histórico da modernidade nos oferecem inúmeras possibilidades, nos colocam

frente à inúmeros riscos sobre nossa habilidade de viver vidas significativas (ILLOUZ, 2012, p. 8). Em outras palavras a modernidade destruiu as fantasias e ilusões que consolavam e embelezavam nossas vidas, de maneira que o indivíduo passa a ser obrigado a conquistar seu “valor” no Mercado – hoje, até mesmo o “mundo do direito” (antigas garantias do Estado social) deve ser conquistado a partir da valorização do eu (DARDOT; LAVAL, 2016, p. 337).

Dessa maneira, a forma de vida das pessoas, que pode ser escolhida e construída por cada indivíduo, tornou-se uma solução autobiográfica às contradições do sistema. O fato é que os riscos e as contradições continuam sendo produzidos socialmente, mas a necessidade de lidar com esses riscos é que está sendo individualizada (BAUMAN, 2009), necessidade essa, fonte de muitas angústias e também, uma das fontes dos novos medos. De acordo com Ulrich Beck e Elisabeth Beck-Gernsheim (2009), na segunda modernidade, é o indivíduo que assume a função de unidade de reprodução social e, com o declínio da ordem tradicional da primeira modernidade, a concepção de mundo do indivíduo autorrealizado torna-se a corrente valorativa mais forte. A autonomia e a busca pela “vida própria” tornam-se condições e constituem-se enquanto aspectos ou esferas do “individualismo institucionalizado” (BECK; BECK-GERNSHEIM, 2009), que possui 15 pontos fundamentais, e que serão apenas brevemente descritos neste trabalho. Segundo o sociólogo e a socióloga (BECK; BECK-GERNSHEIM, 2002, p. 23-4), a “vida própria” (1) emerge em uma sociedade diferenciada em que o indivíduo só é parcialmente integrado no sistema social e em que a vida própria se constitui enquanto um espaço vazio aberto pelo fim das certezas antes dominantes, assim, (2) todos os indivíduos tornam-se construtores de suas próprias biografias, identidades e nexos sociais. Ao passo que o indivíduo se desenraizou dos princípios e condicionamentos existentes na família, na classe social e no Estado-Nação – processo que acelerou o desprestígio do poder do pai, do líder do sindicato e do chefe de Estado – as proteções e garantias advindas destes foram restringidas e até mesmo interrompidas. Paradoxalmente, de acordo com Dardot e Laval (2016, p. 323), essa “emancipação” do indivíduo em relação às tradições, na verdade se transfigurou em “uma nova forma de sujeição às leis impessoais e incontroláveis da valorização do capital”.

Por consequência, (3) o indivíduo guia sua própria vida sob pena de punição econômica, isto é, se não for produtivo e bem sucedido profissionalmente não terá acesso ao que na primeira modernidade era considerado direito fundamental, como a saúde, o lazer, a cultura, a moradia, a previdência, a educação, entre outros. Pode-se dizer, então, que a “vida

própria” torna (4) as biografias ambivalentes: por um lado, são constituídas de maneira eletiva, possibilitando escolhas e decisões baseadas nos interesses pessoais, por outro, muito devido à insegurança incalculável da vida de hoje, tomam-se um risco, ou seja, a possibilidade de fracasso e de “colapso estão sempre presentes” (BECK; BECK-GERNSHEIM, 2002, p. 24). É esse medo que acompanha o indivíduo atomizado ao longo de sua vida, que (5) o condena à atividade produtiva permanente e sempre maior: o “neossujeito” ou o sujeito neoliberal (DARDOT; LAVAL, 2016) é aquele da hipercompetitividade. Isso significa que o indivíduo na segunda modernidade se torna autorresponsável pelas falhas que são transfiguradas em “falhas pessoais” (BECK; BECK-GERNSHEIM, 2002, p. 24), na medida em que deixam de ser uma experiência de classe. Esse processo de atomização do indivíduo e de individualização do fracasso da não produtividade é imposto pela “ideologia de mercado neoliberal”, pois, longe de ser uma “percepção individual”, trata-se de um “modo de atribuição culturalmente vinculativo” baseado na imagem de um indivíduo ativo, capaz de fazer sua própria vida (BECK; BECK-GERNSHEIM, 2002, p. 24). Esse indivíduo torna-se obrigado a competir permanentemente, e ao expor-se aos mais diversos riscos, também assume “inteira responsabilidade pelos eventuais fracassos” (DARDOT; LAVAL, 2016, p. 328). Assim, o Mercado pôde assumir a hegemonia do espaço e do âmbito que repersonaliza nossas vidas e nossos vínculos com outros: nossas identidades passam a estar sempre conectadas ao que o Mercado nos oferece (HOCHSCHILD, 2012).

É dessa forma que (6) os problemas sociais são transformados em responsabilidades dos indivíduos e que as crises perdem a sua característica social: o Mercado, “espaço de competição”, é também o lugar da “falha zero”, pois só aceita aqueles capazes e produtivos, o que gera sentimento de culpa, ansiedade, medos e neuroses (DARDOT; LAVAL, 2016, p. 330). Ora, tais sentimentos são acompanhados por uma (7) “globalização das biografias” que transforma a geometria social: se a primeira modernidade se baseava em “espaços monogâmicos”, a segunda modernidade se caracteriza por “espaços poligâmicos” (BECK; BECK-GERNSHEIM, 2002, p. 25). A globalização econômica e política afetou profundamente o sentido de habitar nas mais diversas formas subjetivas e particulares, pois assistimos a acelerada despotencialização, desqualificação e perda de prestígio do espaço local, regional e nacional, manifestação de uma mudança profunda na antropologia humana, em que os indivíduos não mais se reconhecem enquanto parte substanciais de um família, de uma cidade e de um Estado-Nação. Esse processo desencadeado pela globalização é acompanhado por outro processo: (8) o da “destraditionalização” (BECK; BECK-

GERNSHEIM, 2002, p. 26). Segundo os filósofos, as tradições não deixam de ser importantes para a integração social, para a orientação identitária e para dar senso e sentido à vida, contudo, a tradição deve ser escolhida de acordo com a vontade e o interesse pessoal. Essa mudança na geometria política faz com que o espaço público deixe de ser um ambiente de decisão coletiva; as novas gerações desenvolvem a sua própria subjetividade, sem fundamentos e condicionamentos advindos do passado, sem memória histórica.

Deste modo, fica claro que a (9) a “vida própria” é uma “vida experimental” (BECK; BECK-GERNSHEIM, 2002, p. 26), na medida em que os modelos históricos que conduziam a vida de nossos pais, avós e daqueles que viveram antes, não existem mais, ou, pelo menos, foram despotencializados em sua importância e em sua influência. É nesse sentido que a (10) “vida própria” se constitui enquanto uma vida reflexiva: um mundo de múltiplas identidades está longe de ser isento de conflito e, assim, somos obrigados a processar informações contraditórias e a conviver com outras formas de vida, com diferentes identidades subjetivas e particulares. Logo, é somente (11) na sociedade globalizada e destradicionalizada que pôde surgir uma ênfase no indivíduo que, (12) vive uma “vida radicalmente não-idêntica”, isto é, uma vida em que a cultura deixa de ser uma área “previamente definida pela tradição” e passa a pertencer ao âmbito da liberdade de escolha individual (BECK; BECK-GERNSHEIM, 2002, p. 27). Tal processo acarreta grandes transformações na política e (13) os conceitos e as fórmulas da primeira modernidade tornam-se inadequados, tornam-se “categorias zumbis”: não se sabe como “integrar politicamente conflitos identitários transnacionais”, como “ligar demandas de intimidade familiar e de liberdade e autorrealização”, como organizar a massa de forma que os indivíduos se interessem pela participação política e se auto-organizem (BECK; BECK-GERNSHEIM, 2002, p. 27-8). Essas inadequações só podem surgir quando os (14) indivíduos passam a se submeter ao sistema de Mercado, que nega toda mediação e regulação política. Por consequência, (15) a dominância de uma vida própria leva a uma sociedade aberta e a uma despolitização das políticas nacionais: de início se questiona as premissas da democracia representativa devido ao processo de individualização e, assim, os partidos políticos perdem sua influência e tornam-se incapazes de gerar o consenso e um agir político coletivo. Para os sociólogos alemães esse processo carrega um paradoxo, pois o que possibilita tal despolitização é o aumento do envolvimento político no “nível microscópico”, em que a esfera pública é individualizada, o que possibilita o surgimento de questões cada vez mais diversas e complexas e, portanto, de mais conflitos (BECK; BECK-GERNSHEIM, 2002, p. 29).

Em suma, para Ulrich Beck e Elizabeth Beck-Gernsheim (2002, p. 157), a segunda modernidade ou a modernidade reflexiva significa que um mundo de certezas, proteções e garantias tradicionais está sendo repostado por um “individualismo legalmente sancionado”, ou seja, institucionalizado. Ora, o individualismo está intimamente relacionado com a liberdade negativa e privada e, para os autores, o que está em questão não é uma crise ou “declínio dos valores”, mas sim de um conflito entre os diversos valores existentes em uma nova sociedade (BECK; BECK- GERNNSHEIM, 2002, p. 157-8). Assim, na medida em que o espaço em que se pensa as responsabilidades para com a sociedade diminui, e as demandas dos diversos atores e grupos sociais crescem, os problemas tornaram-se maiores e mais difíceis de serem manejados, inclusive pelo fato de pertencerem, agora, à escala global. Isto posto, não podemos esquecer o papel que o neoliberalismo e a propaganda de Mercado desempenharam nos ataques às fundações da primeira modernidade, como o Estado social, o Estado-Nação, os partidos tradicionais, os sindicatos, entre outros. Isso foi fundamental para o surgimento de uma nova sociedade cujo conceito público desaparece e cujo processo de individualização e de globalização mudam radicalmente os pilares de uma vida conjunta em todas as esferas sociais da ação (BECK; BECK-GERNNSHEIM, 2002).

O sociólogo francês Christian Laval e o filósofo francês Pierre Dardot também afirmam em seu livro acerca da sociedade neoliberal que as grandes transformações que ocorreram no mundo não se restringem ao âmbito da economia. Muito pelo contrário. Afetam e impactam profundamente a cultura, a política, as formas de relacionamentos e de interação, os hábitos e o próprio cotidiano das pessoas, na medida em que nos submetem à exigência de maximização do lucro. O que acontece, e que só é possível com o neoliberalismo, é a “homogeneização do discurso do homem em torno da figura da empresa” (DARDOT; LAVAL, 2016, p. 326), ou seja, a transformação do trabalhador em mercadoria. Contudo, o que há de novo no neoliberalismo se deve não apenas a capacidade dos “neossujeitos” de suportar as condições de trabalho e de competição impostas, mas “por seu próprio comportamento contribuir para tornar essas condições cada vez mais duras e mais perenes” (DARDOT; LAVAL, 2016, p. 329). Em suma, a “empresa”, como caracterizam os autores, não é apenas um “modelo geral”, mas uma “atitude”, uma “energia potencial” e uma “maneira de ser”, que devem ser valorizadas, desenvolvidas e produzidas em todas as esferas da vida: trata-se de uma “certa disposição interior, certo *ethos* que deve ser encarnado como um trabalho de vigilância sobre si mesmo e que os procedimentos de avaliação se encarregam por

reforçar” (DARDOT; LAVAL, 2016, p. 332). Em outras palavras, o neoliberalismo vincula a sua maneira de governar à maneira que os próprios indivíduos se governam, vinculando, por consequência, o sucesso profissional ao sucesso pessoal. E não podemos esquecer que um ambiente de hipercompetitividade está intimamente ligado a um ambiente ansiogênico, pois é profundamente presente nos trabalhadores de hoje angústias e medos em relação à manutenção de seus empregos, bem como, nos indivíduos e cidadãos com os impactos das sucessivas reformas políticas que reduziram os direitos sociais e econômicos que fundamentavam o Estado social.

O neoliberalismo não poderia ter existido sem a revolução tecnológica que possibilitou não só o deslocamento dos capitais, com a revolução nos transportes e nas comunicações, mas também, segundo Hartmut Rosa, com a aceleração social suscitando a destruição das geometrias políticas da primeira modernidade, a expansão sem limites do Mercado e uma avaliação do indivíduo de acordo com essa lógica empresarial. De acordo com o filósofo e sociólogo alemão, é essencial decifrar o sentido da aceleração social para compreender o mundo em que vivemos hoje. A questão sobre “como queremos viver” não pode ser respondida sem a indagação de “como queremos gastar o nosso tempo”, pois as “estruturas temporais” circunscrevem a “maneira de ser-no-mundo” em um determinado tempo histórico e espaço social (ROSA, 2013, p. xxxviii). A sociedade moderna, por sua vez, caracteriza-se pela aceleração dos processos e dos eventos que engloba as mais diversas estruturas temporais, como o horizonte de expectativas, o ritmo e o tempo de vida. Assim, fica claro que a aceleração social produz grandes e profundas transformações nos valores, nas formas de relacionamento e nas instituições existentes. O espaço, por exemplo, deixa de ser a principal categoria a dar sentido e significado à vida humana e, segundo Paul Virilio (2012, p. 31-2), é possível perceber uma “ênfase no tempo real”, isto é, uma supremacia do tempo em detrimento do “espaço real” que, ao produzir o “fracasso do pensamento coletivo em espaços reais”, causa ansiedades e medos.

Tendo em vista a aceleração como forma e meio de compreensão da modernidade, Rosa (2012, p. xxxix) descreve e analisa três formas de aceleração: a “tecnológica”, a da “taxa de mudança social e cultural” e a do “tempo de vida”, que modificam radicalmente a relação humana com objetos, espaços e pessoas, na medida em que vivemos em uma “permanente, dinâmica de transformação das estruturas social, material e cultural”. Ainda que relacionadas e interconectadas, essas três formas de aceleração são analiticamente distintas, e por isso é

importante distingui-las neste trabalho. Para Hartmut Rosa, a aceleração tecnológica é facilmente demonstrada pelos “processos de transporte, comunicação e produção (de bens e serviços)” (ROSA, 2012, p. 71) que são acelerados de maneira intencional e técnica. No caso da transmissão de informação, por exemplo, aumenta-se não só a velocidade dessa transmissão, mas a quantidade de mensagens e de conteúdo que são comunicados. E isso só foi possível com a virtualização e a digitalização do processo material, bem como com a “construção digital de transmissão de informação” (ROSA, 2012, p. 73), ou seja, com uma aceleração técnica, que possibilitou interações independentes da localização de quem conversa. Essa aceleração técnica e tecnológica significa uma mudança na forma de compreender a realidade, sobretudo, com uma expansão sempre maior de possibilidades e de informações. Hoje, o indivíduo vive “dessincronizações” (ROSA, 2012) sucessivas, isto é, vive diversos momentos em que se torna e se sente incapaz de acompanhar as mudanças de seu tempo, sejam elas técnicas ou culturais. O avanço cada vez mais acelerado das técnicas de produção e desenvolvimento tecnológico impactam profundamente o meio do trabalho. A cada dia somos obrigados a atualizarmo-nos aos novos softwares, aos novos programas de computador e de outros meios digitais e aparatos tecnológicos. O trabalho torna-se cada vez mais automatizado e a direção dos novos aparelhos que surgem exigem uma nova e sempre maior qualificação técnica; em outras palavras, exigem que o indivíduo seja uma empresa que oferece um serviço ao mercado, valorizando constantemente e permanentemente a si mesmo, que seja: “especialista em si mesmo, empregador de si mesmo, inventor de si mesmo, empreendedor de si mesmo: a racionalidade neoliberal impele o eu a agir sobre si mesmo para fortalecer-se e, assim, sobreviver na competição” (DARDOT; LAVAL, 2016, p. 330-331).

No que diz respeito às dessincronizações culturais e sociais, Rosa (2012, p. 74) define a “aceleração da mudança social” como uma mudança nas práticas e ações orientadoras, bem como das “estruturas associativas e padrões de relacionamento” de uma dada sociedade. Uma vez que o presente perde estabilidade, muito devido ao:

“questionamento dos valores tradicionais, (...) [a]o progresso dos ideais individualistas e, concomitantemente, [a]o colapso das instituições que tradicionalmente protegiam os indivíduos dos perigos da existência: a Igreja, famílias estendidas, sindicatos, ou mesmo um poderoso Estado social” (VIRILIO, 2012, p. 8)

Nossas certezas e seguranças também se tornam instáveis. É no presente que “conclusões podem ser traçadas sobre o passado e sobre o futuro, tendo como base nossas experiências anteriores” (ROSA, 2012, p. 76) e nossa memória histórica de experiências coletivas anteriores. Dito de outra forma: é no presente que tomamos nossas decisões e que desenvolvemos nossas expectativas e, na medida em que o tempo presente se torna cada vez mais instável, o desgaste psíquico, cognitivo, emotivo e físico para lidar com o mundo e para compreender a realidade aumenta exponencialmente.

Ainda há uma terceira forma de aceleração social que modifica nosso cotidiano: a intensificação do ritmo da vida. Objetivamente, ela significa uma diminuição do tempo que temos para realizar atividades, como comer e dormir, e até mesmo, uma diminuição do tempo entre as diversas atividades que desempenhamos ao longo de um dia. Isso implica em duas questões: a primeira é a de que iremos realizar nossas atividades de forma cada vez mais veloz; a segunda, e também extremamente cruel, é a de que o tempo de descanso será drasticamente reduzido. É interessante notar como esse fenômeno relaciona-se à hegemonia das “soluções mercadológicas” e da ideia de que o mercado “pode fazer as coisas melhores – inclusive dentro de casa” (HOCHSCHILD, 2012, p. 9-10). O fato é que o Mercado se tornou a única opção para preencher a lacuna deixada pela despotencialização do Estado social. Por consequência, o acesso aos serviços pagos requer que cada pessoa trabalhe mais horas ao longo dia, a fim de “ganhar mais dinheiro para comprar o que se sente que é uma necessidade” (HOCHSCHILD, 2012, p. 197) – no caso, induzida pela própria lógica do Mercado, como, apenas para citar um exemplo, aparelhos eletrônicos que dinamizem as atividades do cotidiano e possibilitem que as efetuemos de forma mais veloz e mais eficiente. Esse aumento de horas de trabalho adentra inclusive os finais de semana, antes reservados para o descanso e o contato com a família e amigos, o que gera não só um maior desgaste físico, psíquico e emocional relacionados ao trabalho, mas também um desgaste no próprio ambiente familiar, cada vez mais regido por uma profunda incomunicabilidade. Subjetivamente, significa uma pressão externa e interna, “numa maneira estressante para acelerar, bem como na ansiedade de não conseguir acompanhar” (ROSA, 2012, p. 79).

Sem dúvida, a velocidade é um fator que estimula a produção de ansiedade e não à toa vivemos em uma sociedade que pode ser caracterizada: primeiro, por ser ansiogênica. De acordo com a Organização Mundial de Saúde (OMS), “9,3% dos brasileiros, mais de 18 milhões, apresentam os sintomas de ansiedade” (FAVERIN, 2019), sendo o Brasil o país com

a maior taxa de ansiedade mundial (três vezes maior que a média). Ainda assim, os transtornos de ansiedade afetam 33% da população mundial, número bastante expressivo e que vem aumentando cada vez mais (ANDRADE, 2018). E segundo, porque a sociedade moderna está imersa em uma exigência para acelerar constantemente. Toda essa situação tem um nome para Virilio (2012, p. 44): “pressão dromosférica”, isto é, “a tensão criada pela velocidade em nossas vidas e trabalhos cotidianos”. Assim, é possível perceber a substituição da fé e da “confiança na razão e na perfeição da espécie humana”, ou seja, da crença no progresso, por um “princípio do medo” (RICHARD, 2012, p. 9). A transfiguração do medo em “um ambiente, um entorno, um mundo” é o que Virilio (2012, p. 14) denomina “administração do medo” como “meio de governo das pessoas” (AUGÉ, 2015, p. 40), pois, se antes o medo era um fenômeno localizado e identificável a “um certo quadro temporal”, como guerras, epidemias, entre outros, hoje, ele “nos ocupa e preocupa” gerando uma “claustrofobia estressante” (VIRILIO, 2012, p. 14). Mesmo em tempos de paz o medo é um ambiente que engloba a todos, transformando radicalmente a vida, na medida em que se torna um elemento constitutivo dela e media a sua “relação com o mundo”, que agora pode ser caracterizada como uma “relação distorcida com o Ser-no-Mundo” (VIRILIO, 2012, p. 18). E essa transformação não pode ser compreendida sem a análise da “compressão temporal”, da “aceleração da vida cotidiana” e da realidade (VIRILIO, 2012, p. 44). O terror ou o medo não são apenas fenômenos emocionais e psicológicos, mas são também fenômenos físicos, na medida em que estão conectados tanto com a vida quanto com a velocidade e a rapidez através da tecnologia. É por isso que, para Virilio (2012, p. 21), Hannah Arendt utiliza a expressão “lei do movimento” para se referir a relação entre o terror e a vida.

2.2 Sobre a especificidade do medo humano

Mas, afinal, o que é o medo e qual a especificidade do medo humano? Em seu belíssimo livro *Sulla paura: fragilità, aggressività, potere* (Sobre o medo: fragilidade, agressividade e poder), o filósofo italiano Danilo Zolo (2011, p. 12), percebendo uma presença cada vez maior das palavras “temor, insegurança, angústia, terror”, diversas vezes associadas às “palavras como melancolia, tristeza, infelicidade, solidão” tanto em seu pensamento e em seu discurso, quanto nas manifestações da sociedade como um todo, teve como objetivo compreender o que é o medo, a sua razão, a sua especificidade, e a sua relação com a agressividade e a violência. Assim, após analisar as contribuições da Antropologia Filosófica do século XX, Zolo (2011) pôde dizer que o ser humano sofre desde o seu

nascimento: primeiro, por sua fragilidade e, segundo, pelas condições ambientais. No mesmo sentido, Kant, mesmo que não tenha se “ocupado do tema do medo”, já afirmara em seu ensaio *Ideia de uma história universal de um ponto de vista cosmopolita*, de 1784, que “tendo concedido ao homem o privilégio da razão, a natureza negou-lhe então o ‘instinto’ e a possibilidade de sobreviver graças à qualidade e à capacidade inata” (ZOLO, 2011, p. 20). O ponto fundamental é que, diferente de outras espécies que possuem uma capacidade adaptativa dentro de seu meio ambiente [*Umwelt*], de forma que a sua estrutura orgânica corresponda a sua “percepção do mundo externo e [a] seu modo de vida” (ZOLO, 2011, p. 22), o ser humano não possui um ambiente próprio e fixo na natureza – o que pode ser comprovado pelo fato de sobreviver em condições climáticas diversas. Assim, é possível dizer, com base em Max Scheler (*A posição do homem no cosmos*, 1928), que se os animais estão fechados em seu ambiente, o ser humano desenvolveu uma “abertura ao mundo”, isto é:

“a capacidade do homem, e só do homem, de libertar-se do constrangimento de um único ambiente natural. E, sobretudo, a inteligência teórica que permite ao homem manipular o próprio mundo, reduzir o risco e assim, controlar o estímulo da própria pulsão e limitar o medo” (ZOLO, 2011, p. 25)

A questão é que essa abertura não vai em direção a algo “concreto e encorajador, mas sim [a] uma exposição ao espaço infinito, ao vazio” (ZOLO, 2011, p. 28), o que expôs o ser humano desde o seu nascimento aos mais diversos tipos de perigos, relacionados ao corpo físico e às relações simbólicas entre sujeitos, como a sede, o frio, a fome, doenças, dores, ataques de outros animais ou de outros seres humanos, “solidão, falta de amor, desprezo pelos outros, incomunicabilidade, terror de ter que viver uma vida pobre e miserável, degradante, indigna de ser vivida” (ZOLO, 2011, p. 32-3). Conclui-se, então, que o medo é uma emoção exclusivamente humana, pois os animais não possuem consciência dos riscos que existem no mundo externo: “esses tendem a perceber somente o perigo evidente e imediato” (ZOLO, 2011, p. 24). Logo, é provável que os animais “não saibam o que é o medo e não tenham a mínima ideia do que é a vida e do que é a morte³” (ZOLO, 2011, p. 32). Em suma, o ser humano, diferente de todas as outras espécies animais, possui uma questão biológica: é o ser vivo “mais frágil, instável e precário do mundo” (ZOLO, 2011, p. 28) e por isso está mais

³ É interessante notar que na tradição judaico-cristã o medo é “a primeira emoção experienciada por um personagem da Bíblia”: ao comer do fruto proibido tanto Adão quanto Eva foram acometidos pelo “terrível conhecimento da morte” (ROBIN, 2004, p. 1)

exposto aos riscos, de maneira que suas carências o colocam em constante perigo. Nessa mesma lógica, Rousseau (2000, p. 58) também afirmou que o ser humano em seu estado mais elementar não possuía nenhuma superioridade física em relação aos outros animais, ainda que tenha conseguido sobreviver na natureza de maneira muito mais hábil e expandir-se para diversas localidades da Terra: o ser humano era “um animal menos forte do que uns, menos ágil do que outros, mas, em conjunto, organizado de modo mais vantajoso do que todos os demais”.

Em outros termos, o medo no ser humano possui uma origem na “projeção de um ser frágil e primitivo, ainda que inteligente, em um ambiente perigoso e violento” (ZOLO, 2011, p. 34). Dessa forma, é a partir de uma noção de risco e da experiência conectada à previsão do sofrimento (que mesmo que seja inevitável, pretende-se afastar) que Zolo (2011, p. 31) define o

“medo como uma emoção reflexiva, ligada a previsão alarmante de uma possível condição de sofrimento, relacionada à tentativa de evitá-la, de contê-la, de proteger-se ou de ser protegido do outro”.

Sem dúvida, não há nenhuma lei natural ou social que garanta a sobrevivência e a segurança da espécie humana e de indivíduos particulares, e por isso o medo é interpretado como “contingência [*Kontingenz*], ou seja, como vulnerabilidade, desordem, imprevisibilidade, desilusão, provisoriedade, fragilidade, conjuntura, em uma palavra, como risco” (LUHMANN *apud* ZOLO, 2011, p. 59). Ora, não só a percepção do risco (e não somente de perigos imediatos), mas também o empenho de limitar os causadores desse risco e de modificar o ambiente de acordo com suas necessidades e interesses, são uma capacidade especificamente humana. E assim, o medo, enquanto uma “reação de cada sujeito frente à diversidade que podem verificar-se em um mundo muito perigoso” (LUHMANN *apud* ZOLO, 2011, p. 59), possui uma íntima relação com a agressividade e a violência, sobretudo, quando se torna um medo coletivo que justifica o direcionamento de pulsões agressivas para um determinado sujeito ou para um determinado grupo social considerado um perigo e uma ameaça.

Desse modo, o medo constitui-se enquanto uma condição humana que engloba fatores físicos, psicológicos, sociais, econômicos, culturais e políticos, e por isso é de extrema relevância para compreender não só o espírito de um tempo histórico e espaço social, mas

também o desenvolvimento histórico da humanidade como um todo. Também é justamente por isso que é fundamental para a compreensão da sociedade neoliberal global ou, utilizando o termo do filósofo italiano Paolo Ercolani, do capitalismo técnico-financeiro, conseguir identificar, decifrar e compreender quais são os novos medos. O medo possui as mais variadas formas, podendo ser: “o medo instintivo, o medo reflexivo, o medo do fim, o medo do medo” (ZOLO, 2011, p. 34), o medo do “equilíbrio do terror com a bomba atômica”, do “desequilíbrio do terror com as bombas informacionais e o grande medo da explosão de uma bomba genética” (VIRILIO, 2012, p. 42), o medo do desemprego (ou a angústia de não possuir um emprego), o “medo da guerra, o medo da morte, o medos dos estrangeiros, o medo das pequenas partículas emitidas pelo combustível diesel ou o medo do futuro” (AUGÉ, 2015, p. 59), e muitos outros. Por consequência, diferem “de acordo com as regiões do mundo e os regimes políticos, de acordo com a pertença ética ou social, a pertença a um sexo ou a outro”, na medida em que “a morte está mais ou menos presente e a vida é mais ou menos intolerável” (AUGÉ, 2015, p. 9), e por isso, não possuem os “mesmos sentidos semânticos nem as mesmas conotações afetivas” (AUGÉ, 2015, p. 59). Ainda assim, há um conjunto de novos medos que podem ser identificados em todo o globo, e que são, para o antropólogo Marc Augé (2015, p. 10), relacionadas a “formas de violência inéditas”, são elas: as violências econômicas e sociais, as violências políticas e as violências tecnológicas e da natureza, que “engendram medos específicos: o estresse, o pânico ou a angústia”. Alguns medos relacionados a perigos mais imediatos ou, em certa medida, mais fáceis de serem identificados e entendidos, como o medo de algum animal específico, o medo de ir ao dentista ou os medos circunscritos aos fenômenos da natureza, podem ser superados com maior facilidade. O medo que nos preocupa hoje, ainda que de forma muitas vezes não consciente de suas causas, é, de acordo com Augé (2015, p. 56), a “ruptura do vínculo social”, a “deterioração do simbólico” ou a deterioração do “pensamento da relação”.

Isto posto, podemos apontar mais sistematicamente para algumas das fontes da atual propagação dos novos medos: primeiro, a perda das referências e orientações advindas da geometria política e social da Primeira Modernidade, junto ao processo de hiperindividualismo, tratado por Ulrich Beck e Elisabeth Beck-Gernsheim e à lógica neoliberal da hipercompetitividade, analisada por Pierre Dardot e Christian Laval; segundo, a descrença nas promessas feita pela ciência e pelo progresso em “fornecer à humanidade segurança e felicidade depois da violência do século XX” (RICHARD, 2012, p. 8); terceiro, a crescente velocidade e a aceleração do mundo moderno, pontuadas por Paul Virilio e por

Hartmut Rosa, bem como pela velocidade com que as crises nos atingem em múltiplos níveis: “crise produtiva e portanto econômica, cultural e portanto política” (ERCOLANI, 2018); quarto, a dominação técnica-financeira e científica, junto aos novos meios de comunicação e de informação que, aliados ao *Big Data*, administram a vida dos indivíduos, não de forma imparcial e transparente em seus processos, como muitas vezes é pensado, mas sim regidos pela ideologia neoliberal – o que é problemático para a matemática Cathy O’Neil (2017, p. 31) é a “opacidade, a escala, e o dano” que o *Big Data* causa na vida de todas as pessoas e na própria democracia (e por isso é definido como uma das “armas matemáticas de destruição”); e quinto, o fato de que “ainda não aprendemos a manejar a mudança de escala espacial e temporal que nos é imposta” (AUGÉ, 2015, p. 56) pelo mundo globalizado.

Desta forma, podemos afirmar que o medo pode gerar angústia permanente, frustrações irreprimíveis e, conseqüentemente, o medo do futuro, o desespero e o suicídio (ZOLO, 2011). A questão é que com o desenvolvimento da modernidade, sobretudo no Ocidente, “parece aumentar também um sentimento de afastamento do mundo, de desconfiança em relação ao próximo, de crescente insegurança coletiva” (ZOLO, 2011, p. 33). Assim, o futuro deixou de possuir o elemento que fundamentalmente o caracteriza: a esperança de dias melhores. Segundo Marc Augé (2015, p. 42), tanto os mais jovens quanto os mais velhos preocupam-se mais com sua “sobrevivência cotidiana”, deixando de projetar expectativas em relação ao futuro. É assim que a “imediatez triunfa”: de um lado ao dificultar o desenvolvimento de relações profundas entre pessoas e, de outro (ainda que intimamente relacionados), pela “velocidade e contato direto, sem mediações, nem do tempo nem do espaço” (AUGÉ, 2015, p. 42). É essa instantaneidade que engloba a tudo e a todos, inclusive as relações humanas, que desestabilizam as nossas interações com outros e o nosso “tempo reservado para a reflexão”, evidenciando cada vez mais “respostas condicionadas produzidas pela emoção”, como a forma majoritária de lidar com os novos medos e problemas globais (VIRILIO, 2012, p. 31).

2.3 Eu emotivo: instrumentalização política do medo e do ressentimento

As emoções e os sentimentos desempenham um papel profundo em nossa vida. No entanto, ao longo da modernidade o eu emocional foi desvalorizado a partir da ênfase no eu racional, objetivo e lógico, cuja plenitude melhoraria a sociedade, conduzindo-a ao progresso, à felicidade e à perfeição. O fato é que o ser humano nunca foi, não é, e nem será puramente

ou plenamente racional. Longe de ser apenas racional, ou votar apenas com base em seus interesses pessoais, o ser humano responde também a necessidades emocionais, inclusive necessidades inconscientes. Assim, a socióloga israelita Eva Illouz (2012, p. 11) afirma que esse “eu emocional-reflexivo”, ainda que desvalorizado, acompanhou a formação da modernidade, definindo o eu e a sua identidade em termos primeiramente emocionais, isto é, centrados na administração e na afirmação de seus sentimentos. Indo além, ela afirma que “o fato de que nossas entidades psicológicas – ou seja, que nossa psicologia tem tanta influência em nosso destino – é por si só um fato sociológico” (ILLOUZ, 2012, p. 14). E, por isso, se a sociologia deseja

“permanecer relevante para as sociedades modernas, ela deve imperativamente explorar as emoções que refletem a vulnerabilidade do eu nas condições da modernidade tardia, uma vulnerabilidade que é ao mesmo tempo institucional e emocional” (ILLOUZ, 2012, p. 15)

Em seu livro *Strangers in their own land* (Estranhos em sua própria terra), a socióloga estadunidense Arlie Russell Hochschild também enfatiza o papel que as emoções desempenham em nossas vidas, uma vez que incertezas, imprevisibilidades, inseguranças, medos, mas também desejos, expectativas e esperanças, se expressam nos votos, ou seja, os votos também são emotivos. A essas emoções, Hochschild (2016) caracteriza enquanto “histórias profundas” [*deepy story*]:

“Uma história profunda é uma história de sentir-se como se – é a história que os sentimentos contam, na linguagem dos símbolos. Ela remove o julgamento. Elimina os fatos. Diz-nos como as coisas sentem. Tal história permite que aqueles de ambos os lados do espectro político se afastem e explorem o prisma subjetivo através do qual o partido do outro lado vê o mundo. E eu não acredito que entendamos a política de ninguém, direita ou esquerda, sem ela. Pois todos nós temos uma história profunda.” (HOCHSCHILD, 2016, p. 135)

Assim, o líder ou o partido político capaz de compreender a história profunda das pessoas, que conseguir “articular os sentimentos difusos e os integrar em uma trama coerente” (ILLOUZ, 2017), conseguirá apoio expressivo na população. Ora, também para o linguista e cientista cognitivo estadunidense George Lakoff (*apud* WHITE, 2017) a ênfase na pura

racionalidade dos eleitores está incorreta, pois: “eleitores não votam seus próprios interesses, eles votam seus valores”. Para o linguista, as ideias estão presentes em nossos circuitos neurais que, sempre que ativados, tornam-se mais fortes. Isso se deve ao fato de que vemos o mundo a partir do que Lakoff chama de “*frames*”: quadros são inconscientes porque acontecem no nível dos circuitos neurais, assim, quando ouvimos ou vemos fatos e acontecimentos que não conseguimos explicar e processar a partir da nossa visão de mundo, nós os “ignoramos, ou os rejeitamos, ou os atacamos, ou literalmente não os escutamos” (WHITE, 2017). O fato é que esses quadros ou o “prisma subjetivo através do qual o partido do outro lado vê o mundo”, nos termos de Hochschild (2016, p. 135), podem ser profundamente manipulados.

Para Illouz (2017) a manipulação dos sujeitos pelo populismo contemporâneo se dá através de “três emoções essenciais: o medo, o ressentimento e a intimidade”. Para a autora, o medo significa a criação de “inimigos imaginários”, internos e externos à nação; ele pode ser o medo: dos refugiados e imigrantes, o demográfico, o econômico, o identitário e o securitário. O ressentimento, parafraseando Max Scheler (ILLOUZ, 2017), diz respeito a uma “sede de vingança que não pode ser saciada” e dirigida aos grupos minoritários que conseguiram ascender socialmente e que alcançaram respeito, reconhecimento e prestígio. Por fim, a intimidade, que possibilita a criação de vínculos diretos entre o líder e a comunidade, recriando o “amor do grupo” ligado por valores tradicionais que foram despotencializados com o processo e o fenômeno da globalização, com o neoliberalismo, com a aceleração social, com o individualismo institucionalizado, e com a fragmentação social.

A fim de precisar conceitualmente a emoção, o sentimento e os afetos, o filósofo coreano-alemão Byung-Chul Han (2018), critica a não distinção conceitual de Eva Illouz e as distingue pela sua objetividade ou subjetividade, pela sua narratividade e performatividade e, por fim, pela sua temporalidade. Utilizando os termos do filósofo sul-coreano (HAN, 2018, p. 60-1), o “sentimento indica algo objetivo”, permitindo, assim, uma “profundidade narrativa” e “constatativa”, ainda que não seja “intencional”, devido a sua possibilidade de “duração”. Já as emoções são meramente subjetivas, “performativas”, “intenciona(is)” e “finalista(s)”, “sendo muito mais curtas que o sentimento”. E o afeto, também é subjetivo (pois só o sentimento alcança a “amplitude” da objetividade), bem como barulhento: “ele procura uma via linear para ser descarregado”; junto ao fato de muitas vezes ser restrito à

duração de um “instante”, a comunicação digital, instantânea e veloz, possibilita uma “descarga imediata de afeto”.

É por isso que Han (2018) enfatiza que é a emoção que é facilmente manipulada pelo sistema capitalista. As emoções, para o autor (HAN, 2018, p. 68), evocam ações, sendo “controladas pelo sistema límbico, no qual também se assentam os impulsos” ou as pulsões, ou seja, “formam o nível pré-reflexivo, (...) do qual frequentemente não se tem consciência de forma expressa”. É, portanto, o âmbito perfeito para ser manipulado quando se quer “influenciar ações”: “Através das emoções, as pessoas são profundamente atingidas. Assim, ela representa um meio muito eficiente de controle psicopolítico do indivíduo” (HAN, 2018, p. 68). Também para a socióloga norte-americana Arlie Russell Hochschild (2016), a emoção e a forma como as pessoas sentem e percebem a vida fundamentam não só nossas formas de relacionamento e as nossas escolhas, mas a própria política: “os eleitores organizam sua identidade política em função dos símbolos, dos valores e das filiações imaginárias a um grupo, aquele dos ‘verdadeiros americanos’” (ILLOUZ, 2017); ou também, aquele dos verdadeiros brasileiros, pessoas de bem e trabalhadoras.

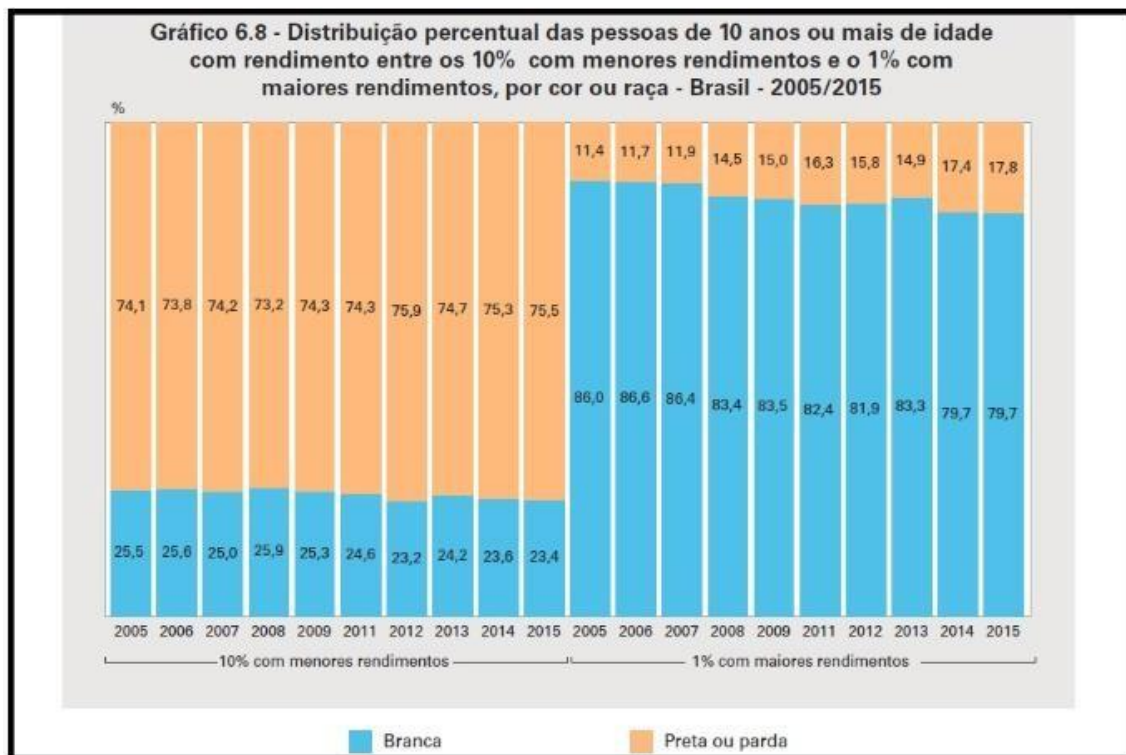
Segundo Illouz (2017), quatro fatores são fundamentais para entender o crescimento do “populismo emocional” nos Estados Unidos. Iremos refleti-los também a partir da realidade brasileira. O primeiro fato é a “regressão econômica”, o segundo são os “grandes avanços jurídicos e simbólicos das minorias” sociais, o terceiro é o “aumento real das desigualdades”, e o quarto, é a ‘nova posição da esquerda liberal’ (ILLOUZ, 2017). Diferente de outros países, principalmente alguns da Europa, o Brasil nunca possuiu um Estado social pleno baseado nos direitos de terceira geração (os direitos sociais e econômicos), ainda assim, as classes médias tinham em seu horizonte de expectativas (termo utilizado pelo historiador Reinhart Koselleck) a possibilidade de “mobilidade social vinculada com a base na segurança do emprego” (ILLOUZ, 2017).

Mesmo com a independência em 1822, o acesso da população em geral aos direitos não obteve relevância na fundação do estado brasileiro. Ainda que com um pequeno avanço dos direitos políticos que, mantendo o processo de escravização (que só foi abolida no Brasil em 1888), limitou fortemente os direitos civis (CARVALHO, 2001, p. 28). Assim, mesmo com a proibição da escravização, seus valores foram aceitos por grande parcela da população brasileira (CARVALHO, 2001, p. 49), ou seja: “Tudo indica que os valores da liberdade individual, base dos direitos civis, tão caros à modernidade europeia e aos fundadores da

América do Norte, não tinham grande peso no Brasil” (CARVALHO, 2001, p.49), pelo menos no que diz respeito a determinado grupos sociais. Somente após 1930 é que o Brasil começa a avançar significativamente nos direitos sociais, com o Ministério do Trabalho, Indústria e Comércio, e com a legislação trabalhista e previdenciária (CARVALHO, 2001, p. 87). Já os direitos políticos só se estabilizaram após a redemocratização brasileira com a realização de eleições presidenciais em 1985 e com a Constituição Federal de 1988. Enquanto isso, os direitos civis são os que ainda “apresentam as maiores deficiências em termos de seu conhecimento, extensão e garantias.” (CARVALHO, 2001, p. 210)

O fato é que se o Brasil já era deficitário em relação às garantias dos direitos, os problemas econômicos, como a desigualdade e o desemprego, e os problemas sociais, como a dificuldade de acesso à saúde, educação e saneamento básico⁴ por boa parcela da população, não foram resolvidos com a redemocratização. Muito pelo contrário. De acordo com Carvalho (2001, p. 199), “houve um agravamento da situação dos direitos civis no que se refere à segurança individual”. Assim, no que diz respeito ao primeiro e ao terceiro ponto apontados por Illouz (2017) é possível afirmar que o Brasil, segundo o relatório do PNUD (Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento), é o sétimo país mais desigual do mundo, tendo 10% da população mais rica concentrando “41,9% da renda total do país, e a parcela do 1% mais rico concentrando 28,3% da renda” (PNUD *apud* FORTE, 2020). Não só desigual em relação a outros países do mundo, o Brasil carrega dentro de si uma desigualdade que tem no legado do passado colonial descrito por José Murilo de Carvalho, bem como ao racismo estrutural ainda reproduzido e reiterado nos dias de hoje. De acordo com pesquisas da “PNAD (Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios) realizadas pelo IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística)”, em 2017 a renda média dos brancos foi de R\$ 2.814, enquanto que a de negros foi R\$ 1.570 e a de pardos foi R\$ 1.606, uma diferença de, pelo menos, mais de mil e duzentos reais (CALEIRO, 2018). Já dados referentes a 2015, mostram que entre aqueles que representam os 10% mais pobres do Brasil, 75% deles são negros e pardos, ainda que representem 54% da população brasileira (CALEIRO, 2018).

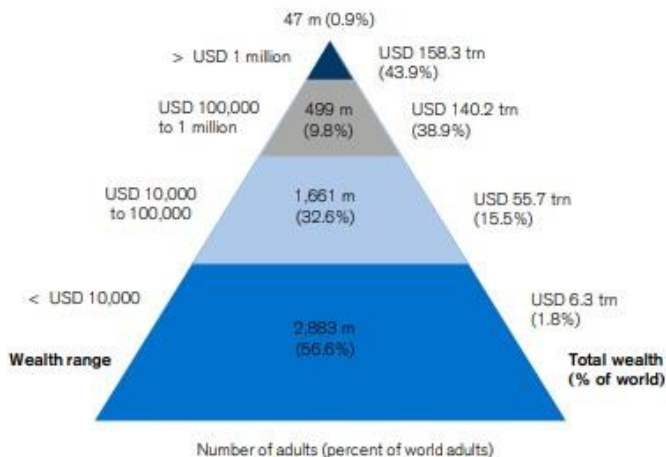
⁴ De acordo com a divulgação feita pelo IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), na Síntese de Indicadores Sociais (SIS), com dados de 2018, são “74,156 milhões de brasileiros, ou 35,7% da população total” que ainda não possuem coleta de esgoto em seus domicílios. Enquanto isso, 79,9%, ou 166 milhões de brasileiros, possuem acesso à internet móvel ou fixa. No que diz respeito à população que vive abaixo da linha da pobreza, “65,9% têm internet em casa” (Portal Saneamento Básico). Ora, isso apenas demonstra como no Brasil, os direitos fundamentais à vida, sobretudo, no que diz respeito à qualidade de vida e à dignidade são inacessíveis para muitas pessoas.



Fonte: Divulgação IBGE. In: Exame.

Desse modo, a globalização, possibilitou “um enorme enriquecimento de certos grupos da população” (ILLOUZ, 2017), sobretudo mundial. De acordo com o relatório divulgado pelo Credit Suisse, em um gráfico sobre a distribuição de riqueza entre adultos no mundo, é possível constatar que 56,6% desses adultos possuíam uma riqueza menor que 10 mil dólares estadunidense no ano de 2019, ao passo que 0,9% possuía mais de 1 milhão de dólares estadunidense no mesmo período. E não só a globalização, segundo Dardot e Laval (2016, p. 328), o “discurso neoliberal” desempenhou um papel fundamental ao naturalizar o “risco” e transferi-lo para as classes operárias, facilitando cada vez mais: primeiro, a “dependência dos trabalhadores com relação aos empregadores”, e segundo, a demissão e a “diminuição do poder de compra até o empobrecimento de frações inteiras das classes populares”. Isso gerou um contexto de “medo social” que, somado à “exposição cada vez mais direta dos assalariados às flutuações do mercado” e à “diminuição das proteções e das solidariedades coletivas”, submete os trabalhadores, de maneira muito mais extensa e profunda, aos seus patrões que, ao exigir mais “disponibilidade e comprometimento”, o recebem, pois hoje, para conseguir se manter em um emprego, é necessário competir (e ganhar) constantemente contra aqueles que exercem a mesma função que você.

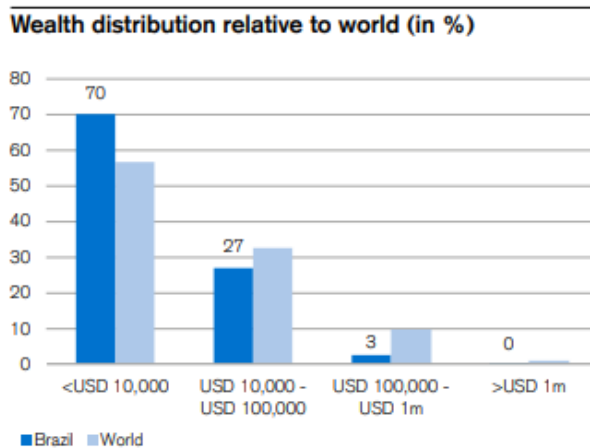
Figure 5: The global wealth pyramid 2019



Source: James Davies, Rodrigo Lluberias and Anthony Shorrocks, Global wealth databook 2019

Fonte: Credit Suisse Global Wealth Report, 2019, p. 9

Especificamente sobre a situação brasileira em relação à mundial, o relatório constatou que a “proporção de brasileiros com riqueza menos que USD 10,000 é maior que o que vemos no mundo como um todo – 70% contra 58%.” (CREDIT SUISSE, 2019, p. 56):



Source: James Davies, Rodrigo Lluberias and Anthony Shorrocks, Global wealth databook 2019

Fonte: Credit Suisse Global Wealth Report, 2019, p. 56.

Outra questão diz respeito à regressão econômica. Segundo o relatório do Credit Suisse (2019, p. 56), a “média de riqueza por lar mais que triplicou entre 2000 e 2001,

umentando de USD 7,050 por adulto para USD 24,920”; depois da crise financeira de 2010 no país, diminuiu 3% a média de riqueza em dólares estadunidense. Também o PNUD (Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento), constatou o fato de que “entre 2014 e 2018, a renda dos 5% mais pobres no Brasil caiu 39%. Nesse mesmo período, o país registrou um aumento de 67% na população que vive na extrema pobreza” (FORTE, 2020). Essa regressão econômica só foi possível com o deslocamento dos capitais que despotencializou os sindicatos e retirou do emprego a sua segurança, corroendo progressivamente os direitos trabalhistas e inserindo “uma incerteza crônica” no “mundo do trabalho operário”, a partir de “novas formas de emprego precárias, provisórias e temporárias” (DARDOT; LAVAL, 2016, p. 328). Não só, as revoluções tecnológicas fizeram com que diversos trabalhos desaparecessem, e junto a precariedade do trabalho, engendraram um “sentimento de que a sociedade em geral não tem respeito pelos trabalhadores e dos seus valores” (ILLOUZ, 2017)

Acompanhando a ausência de segurança do trabalhador, bem como uma queda no seu nível de vida, o segundo fator para o crescimento do populismo emocional diz respeito aos direitos e reconhecimentos conquistados pelas minorias, como nos casos de discriminação e de racismo. Para Illouz (2017), os homens, sobretudo brancos, sentiram-se “postos à margem na sociedade” na medida em que perderam seu “status social e econômico”. Sem conseguir compreender e refletir as origens e as consequências das grandes transformações que aconteceram no mundo nos últimos 30 ou 40 anos, e sem entender os impactos de um sistema neoliberal e da aceleração na vida cotidiana, muitos desses homens trabalhadores “não conseguem mais cumprir com o papel tradicional de chefe da família” e culpam aqueles que acreditam ser as ameaças de sua identidade e de suas referências na família e na localidade: “os [e as] homossexuais, as mulheres livres”, os e as afrodescendentes e os e as imigrantes, transformando-o(a)s em inimigos e bodes expiatórios (ILLOUZ, 2017). Negam, portanto, o direito de existência da alteridade. Em resumo:

“Todos esses elementos constituem uma mudança sem precedentes da masculinidade e das condições sociais do capitalismo. A humilhação sofrida por esses homens é social, econômica e familiar, porque não conseguem mais cumprir com o papel tradicional de chefe de família. Isso explica o caráter extraordinariamente machista de Donald Trump e de seus eleitores.” (ILLOUZ, 2017)

Em relação ao quarto fator, é possível constatar uma mudança de orientação na

Esquerda após os anos 1970 e 1980, isto é, após a vitória do capitalismo e do neoliberalismo. Para Illouz (2017) a esquerda costumava representar de maneira direta a classe trabalhadora; contudo, ela “foi progressivamente se separando para se situar nas universidades, dentro do ativismo sexual para obter a igualdade dos direitos das mulheres e das pessoas LGBT”. Hoje, “para os trabalhadores, a esquerda liberal que defende as minorias não as representa” (ILLOUZ, 2017). Uma ótima forma de visualizar esse descontentamento em relação às minorias é o exemplo que Hochschild (2016) cita de “cortar a fila”. O ponto de chegada trata-se do famoso sonho americano, isto é, um lugar e um status de ascensão social, prosperidade e segurança. Essa era a promessa para aqueles que trabalhassem duro, se esforçassem e se comportassem moralmente. No meio dessa fila estão os “brancos, mais velhos, cristãos, e predominantemente homens”, ao passo que no final estão as “pessoas de cor – pobres, jovens e velhos, a maioria sem diploma universitário” (HOCHSCHILD, 2016, p. 136). Em um certo momento você percebe que essa fila não está andando, e que, na verdade, aqueles que antes estavam atrás de você, isto é, os afrodescendentes, as mulheres, os imigrantes e refugiados, agora estão na frente: “Você está seguindo as regras! Eles não.” (HOCHSCHILD, 2016, p. 137)

Junto a isso, o progresso também se tornou mais restrito a uma pequena elite. A competição por trabalho, por reconhecimento e por status acirrou-se, e a automação, a terceirização e o poder das grandes multinacionais, intensificou ainda mais esse processo: há uma “oferta cada vez mais escassa de honra cultural” (HOCHSCHILD, 2016, p. 143). Surge, assim, um sentimento nessas pessoas, de que foram traídas e abandonadas pelo governo. Mas isso não é tudo: os liberais começam a dizer “que suas ideias são ultrapassadas, sexistas, homofóbicas”, racistas, em outras palavras, politicamente incorretas. Assim, essas pessoas se sentem humilhadas e “estranhas em sua própria terra” (HOCHSCHILD, 2016, p. 137); logo, buscam pessoas que concordem com elas, segregando-se de outros grupos, de um lado pela raiva e ressentimento acumulados, de outro, pela esperança em um país melhor, ou seja, um país em que primeiro, Deus seja valorizado e, portando, que a família tradicional seja honrada, segundo, que os símbolos nacionais sejam respeitados, terceiro que a segurança individual seja garantida e, quarto, que o Estado deixe de interferir na vida dos cidadãos e que os impostos não sejam tão altos. Em resumo, de acordo com Hochschild (2016, p. 48), as “pessoas de direita parecem ser movidas por três preocupações – taxas, fé e honra”. Assim, o homem branco ao sentir que perdeu seu orgulho e que está sendo humilhado pelo Estado e pela sociedade cosmopolita, busca outras formas de encontrar sua honra: a) no trabalho; b) no

espaço local e regional; c) nos valores da família; d) em ser cristão; e, e) no seu eu da “história profunda” (HOCHSCHILD, 2016).

Partindo de uma diferente categorização, Illouz (2017), fundamentada numa divisão feita pelo sociólogo Zygmunt Bauman entre ‘nômades’ e ‘sedentários’, descreve as pessoas de direita enquanto partes desse último grupo que, “estão vinculados ao lugar, creem na tradição, na pátria e na história” – ao passo que os ‘nômades’ “formam as elites cosmopolitas, financeiras, universitárias ou artísticas”. De fato, a “aceleração social” descrita e analisada em suas origens e consequências por Hartmut Rosa impactou de maneira profunda e nunca antes vista nas identidades coletivas e individuais, hoje, parte delas se sentem ameaçadas por pessoas que consideram desprezíveis por compartilharem de outros valores. A ameaça de suas antigas certezas em um mundo que já não produz nenhuma segurança faz com que muitos se sintam amedrontados e dirijam sua raiva e seus ressentimentos em forma de pulsões agressivas, tanto físicas quanto simbólicas, para os grupos que julgam culpados: as elites cosmopolitas abstratas e os grupos minoritários. É uma questão, portanto, de identidade, e justamente por isso a direita, ao propor “àqueles que se sentem humilhados pela bela moralidade cosmopolita da esquerda de assumir o orgulho do modo de vida estacionário da sua identidade” consegue, apelando para os valores e as emoções dos sujeitos, angariar não só simpatizantes, mas eleitores (ILLOUZ, 2017).

Isto posto, fica claro que a relação entre medo e agressão é um dos pontos centrais para se compreender a humanidade. Segundo Zolo (2011, p. 37), o temor de “ver seus valores essenciais comprometidos” faz com que se manifeste no ser humano a “luta competitiva pela existência”, uma espécie de “impulso reativo de autoconservação”. Afirmando novamente uma especificidade humana agora na agressão, para Zolo (2016, p. 38), a contribuição de Gehlen foi a de deixar claro que a agressividade humana tende a se transformar em assassinato: a vontade e o desejo da morte e do massacre de seus inimigos é um “hábito do *homo sapiens*”. O que não podemos esquecer é que o medo não é só individual, mas também coletivo, daí sua “eficácia associativa” (ZOLO, 2011, p. 47), e por isso também desencadeia uma necessidade de “proteção e defesa do grupo familiar e da coletividade de que faz parte”. Em suma, de acordo com Zolo (2011, p. 36), o medo é uma consequência do impulso humano, ou, de um “excesso de pulsões” que atrofia nossa “capacidade de reflexão”.

A velocidade também produz esse mesmo efeito. Segundo Virilio (p. 36-7), a aceleração constante “causou uma verdadeira enfermidade porque reduz o campo de visão”,

sobretudo lateral, fundamental para a sobrevivência, inclusive dos animais não humanos, que a partir de um campo de visão desenvolvido, conseguem antecipar “surpresas” e “predadores”, em termos humanos, riscos. Essa redução, e muitas vezes até mesmo eliminação de uma “habilidade operativa” fundamental, torna o ser humano mais propenso a “usar a força para se defender dos concorrentes e dos inimigos” (ZOLO, 2011, p. 36). Assim, é possível perceber uma profunda atrofia não só na capacidade de percepção do que está acontecendo no mundo, mas também na sua compreensão. O indivíduo que perdeu todas as suas certezas e seguranças advindas de uma ordem superior religiosa, bem como todas as proteções e garantias advindas de um Estado social, busca, hoje, na figura de um líder salvador, de um messias, alguém para se guiar, para se referenciar em um mundo cuja orientação perdeu seu foco. Dessa forma, podemos compreender porque o indivíduo moderno, sintetizado em poucas palavras: cheio medos e desorientado, pode ser facilmente explorado tanto por líderes políticos quanto por autoridades religiosas – ou por ambos. E a política populista contemporânea foi extremamente capaz de perceber a “fragilidade” do ser humano, “a sua estranheza ao mundo, o seu excesso pulsional, a sua luta pela vida e, por último mas não menos importante, o medo e a angústia que o assediam enquanto sujeito particularmente emotivo” (ZOLO, 2011, p. 43).

Por fim, o populismo contemporâneo, manifestado em líderes que retomam a figura tradicional do homem forte, chefe de família, cristão e trabalhador, clamam pela representação da voz do povo que, subordinado ao Mercado e cujos laços sociais também foram substituídos pelo Mercado – propagando-se um “ethos de autonomia individual e de responsabilidade pessoal” (Pankaj Mishra, 2018) –, não conseguiu ascender socialmente e fazer parte de uma pequena elite global. Na realidade, grande parte da população mundial não possui uma reserva de dinheiro suficiente para planejar seus futuros, que se tornam não só cada vez mais incertos, mas também adiados (termo utilizado pelo sociólogo italiano Luciano Gallino em seu livro *Vidas adiadas. O escândalo do trabalho precário*) no que diz respeito às expectativas e desejos de uma vida melhor. Esse povo se sente traído e ressentido pois a promessa do capitalismo liberal de promover uma classe média universal não foi cumprida: “Alcançou o oposto: a criação de um precariado sem perspectivas claras de longo prazo, perigosamente vulnerável a demagogos prometendo-lhes a lua” (MISHRA, 2018). Assim, percebendo essa profunda insatisfação, desorientação e fragmentação social, os líderes populistas, primeiro, apoiam-se em um amplo sentimento de traição, abandono e medo por parte do povo, depois, acessam as emoções das pessoas e os afetos que são descarregados diretamente sobretudo

em plataformas digitais como o Facebook e o Twitter, para, terceiro, colhê-las, compreendê-las, manipulá-las e reivindicá-las. E é sobretudo o indivíduo carente de certezas e convicções que é profundamente suscetível às promessas de soluções simples e eficazes para os diversos problemas cada vez mais complexos, em mundo aceleradamente incompreensível.

3. O POPULISMO CONTEMPORÂNEO NO BRASIL: UM FENÔMENO INAUDITO

3.1 A mentalidade populista desenvolvida por Jair Messias Bolsonaro

A análise do discurso emotivo de Jair Messias Bolsonaro foi realizada com base em suas publicações no *Twitter* entre os dias 6 de setembro (dia em que levou um golpe de faca, sofrendo uma tentativa de assassinato) e 11 de abril (100 dias de governo). No total foram selecionados 148 *tweets* com mais de 10.000 *retweets* e relacionados às seguintes temáticas: família, religião, segurança pública, corrupção, educação, mercado livre, antipetismo, futuro da nação e ataques às mídias e às instituições brasileiras. Em síntese, a mentalidade populista desenvolvida por Jair Bolsonaro pode ser definida como uma estrutura formada por experiências que os sujeitos sentem muito mais do que compreendem, um modo de ver, perceber, pensar e sentir as coisas e a realidade e que se estende para todas as esferas da vida (TARCHI, 2015). Trata-se, portanto, da “história profunda” (HOCHSCHILD, 2016) que representa as emoções dos indivíduos que se sentem traídos pelo governo, desorientados e temerosos diante das grandes e profundas transformações que ocorreram no tempo histórico e no espaço social e desiludidos com as promessas não cumpridas pela democracia representativa.

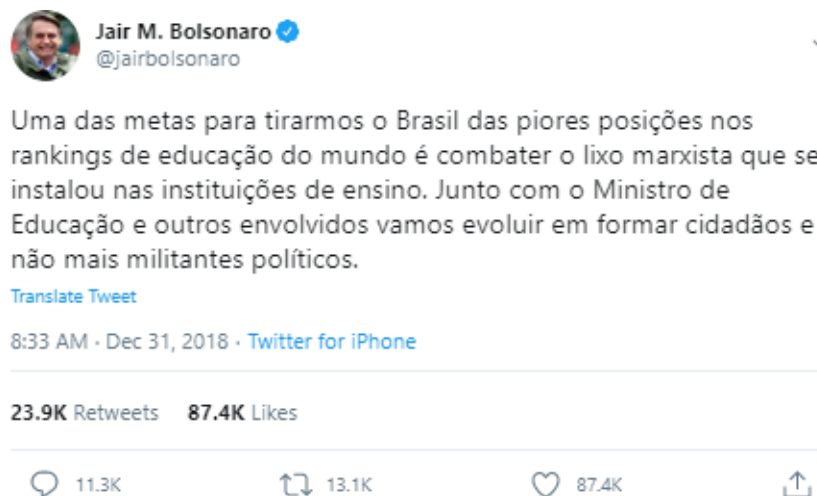
A era da globalização marcou o profundo desarranjo que aconteceu na configuração política dos mais diversos países. Com a despotencialização das autoridades da modernidade em dotar de sentido e significado a realidade e com a mudança do papel do Estado, não mais assegurando as proteções da democracia moderna, o cidadão presencia uma crise de confiança em relação aos partidos tradicionais e às instituições políticas e representativas (TARCHI, 2015). A ideia associada a racionalidade neoliberal de que todo político, todo Estado e toda coisa pública se trata de algo ineficiente, improdutivo e corrupto, intensifica o distanciamento dos indivíduos à esfera da política. A antipolítica e o antipartidarismo são, portanto, manifestações da mentalidade populista (TARCHI, 2015). Todavia, é importante ressaltar que na medida em que o fenômeno do populismo contemporâneo é uma reação às grandes e profundas mudanças no tempo histórico e no espaço social, muitas de suas expressões dizem respeito às mudanças nas subjetividades e nas formas de interação dos indivíduos na era global. De maneira geral é possível observar uma diminuição do espaço em que se pensa as responsabilidades individuais e sociais, ao mesmo tempo que as demandas crescem exponencialmente de tal forma que os partidos políticos e as instituições representativas perdem a sua capacidade de conciliar as múltiplas reivindicações (BECK; BECK-

GERNSHEIM, 2016).

No Brasil, tanto a mentalidade populista contemporânea, quanto o desarranjo eleitoral possuem um marco na eleição presidencial de 2018. O que aconteceu foi um desalinhamento do sistema partidário brasileiro que rompeu com polarização entre o Partido da Social Democracia Brasileira (PSDB) e o Partido dos Trabalhadores (PT), mesmo estando presente no Congresso desde 2010 (ABRANCHES, 2019). A antipolítica e o antipartidarismo são manifestados na rejeição de todo partido ou líder político de longa carreira, cuja imagem passou a ser automaticamente associada à corrupção, sobretudo depois da Operação Lava Jato (SOLANO, 2018). Jair Messias Bolsonaro por mais que tenha disputado a eleição como filiado ao Partido Social Liberal (PSL), não se limitou a imagem e aos posicionamentos do partido: a sua figura enquanto líder se trata de uma identificação pessoal (e não mais partidária). Para além da identificação com o partido, a campanha eleitoral nos meios de comunicação tradicionais como a televisão foi profundamente despotencializada. Sendo o PSL um partido de pouca base e influência eleitoral, o marketing político digital foi fundamental para a eleição de Jair Bolsonaro.

Uma das hipóteses do sociólogo italiano Alessandro Dal Lago (2017) associa a “imprevisibilidade eleitoral” à “política digital”, em que novos e inesperados atores sociais são capazes, por meio das redes sociais, de acessar o público e disseminar suas mensagens, posicionamentos e valores. Na modernidade, a mediação entre sociedade e indivíduo, Estado e cidadão era essencial para a manutenção da ordem e isso acontecia a partir de uma “pobreza informativa” (ERCOLANI, 2013). A era da rede possibilita que qualquer pessoa possa ser ouvida e, que o líder político possa se comunicar diretamente com a massa digital. Foi justamente a campanha digital de Jair Bolsonaro que possibilitou a sua rápida ascensão como um líder político de relevância. Logo, analisar a maneira que se desenvolveu o discurso político e emotivo de Jair Bolsonaro é fundamental para compreender em que medida a mentalidade populista é capaz de colher as emoções, as paixões e as pulsões do povo brasileiro e externa-las, propondo soluções simples, redentoras e ilusórias para problemas complexos:

Imagem 1 – Tweet Bolsonaro: Educação



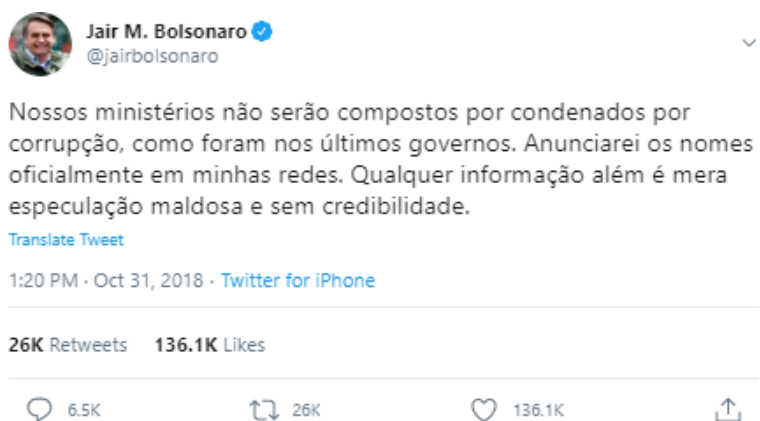
Nesse caso, Jair Bolsonaro infere que a solução para a má qualidade do país se trata de uma questão de necessidade lógica: o “lixo marxista” nas escolas e universidades produz “militantes políticos”, de esquerda o que piora a qualidade da educação. Logo, para que o Brasil avance no seu nível educacional é necessário o combate a ideologia de esquerda e marxista. Em nenhum momento, contudo, menciona outras questões que influenciam na educação brasileira: a dificuldade de acesso (por falta de transporte, necessidade de trabalhar, etc.) por muitos jovens e adultos, a evasão, a falta de investimento para a infraestrutura e para a permanência dos estudantes, o baixo salário dos professores e funcionárias, o trabalho precário, dentre outras.

Reconfigura-se, portanto, a estrutura do poder e da informação, uma vez que a “rede produz uma ilusão de independência que corresponde a uma sujeição inconsciente” (DAL LAGO, 2017, p. 17). A influência política das redes sociais é capilar e profunda: ao acessar os dados que todo indivíduo expõe voluntariamente (HAN, 2018), a formulação e a escolha de palavras, slogans, imagens e emojis se torna mais impactante cognitiva e psiquicamente, mas sobretudo, emotivamente. A importância das redes sociais foi tão grande que até serviu como meio de comunicação oficial:

Imagem 2 – Tweet Bolsonaro: Corrupção



Imagem 3 – Tweet Bolsonaro: Corrupção



Nesse mesmo sentido, Jair Bolsonaro desenvolve uma “polarização emocional, ou afetiva” (ABRANCHES, 2019) em que, numa visão de mundo maniqueísta, contrapõe o cidadão de bem ao cidadão corrupto e imoral. Nessa visão de mundo é possível observar o entrelaçamento entre a racionalidade neoliberal⁵ e a racionalidade neoconservadora a partir dos valores da disciplina, do esforço pessoal e da autonomia. Para Jair Bolsonaro o cidadão de bem é todo aquele brasileiro que trabalha duro e que se esforça, que respeita os valores da família e da religião cristã, que se comporta publicamente segundo essa moralidade e, que não é dependente do Estado. Já o cidadão corrupto engloba os políticos, as elites nacionais e transnacionais, ou os grupos que são corruptos moralmente, como os esquerdistas, os

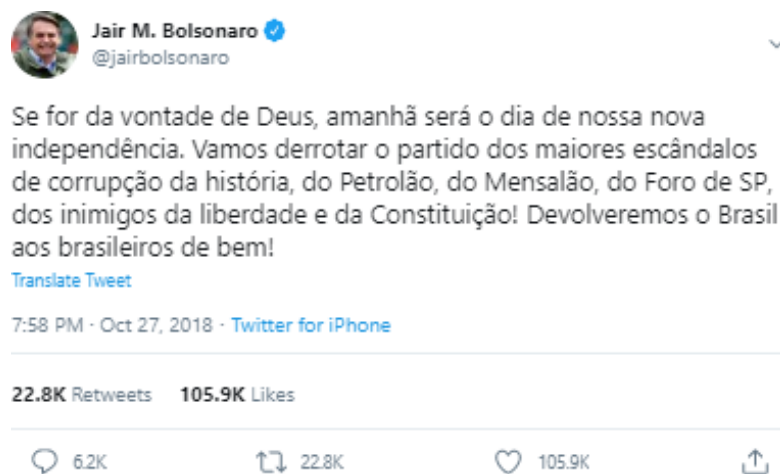
⁵ As pesquisas de Esther Solano (2018) e Renato de Almeida (2019) apontam para a particularidade do cidadão brasileiro que não se identifica com todos as pautas neoliberais, sobretudo no que diz respeito a ideia de Estado mínimo. Para os cidadãos brasileiros a garantia de serviços públicos de qualidade e de aposentaria são fundamentais, ainda que sua visão de mundo esteja vinculada aos valores do esforço pessoal e do mérito.

bandidos, os petistas, os comunistas, os gaysistas, os imigrantes, os refugiados, os vagabundos e dependentes do Estado e, as minorias sociais que são privilegiadas pelas políticas públicas.

Todos esses grupos que são considerados parte dos cidadãos corruptos e amorais são vistos como uma ameaça aos valores religiosos cristãos. De acordo com os dados do IBGE censo de 2010, no Brasil, são mais de 123 milhões de católicos apostólicos romanos e mais de 42 milhões de evangélicos. Isso significa mais da metade da população da brasileira. É claro que não são todos os cristãos que irão guinar para o voto populista, mas o apelo do líder a essas religiões específicas acionando a sua visão de mundo, de certo possui uma influência – vide o slogan “Brasil acima de tudo, Deus acima de todos”. Uma pesquisa do Datafolha acerca das intenções de voto por segmento religioso apontou no dia 25 de outubro de 2018 que dentre os católicos 44% pretendia votar em Bolsonaro ao passo que 43% pretendia votar em Haddad. Com os evangélicos a discrepância é bem maior, 59% para Bolsonaro e 26% para Haddad. Esses dados demonstram como foi fundamental para a eleição de Jair Messias Bolsonaro, o voto dos evangélicos, bem como o seu alinhamento a políticos e pastores evangélicos. Contudo, cabe ressaltar que o mundo religioso possui uma “diversidade interna, apesar de existirem votos predominantes” (ALMEIDA, 2019).

As jornadas de junho que ocorreram em todo o Brasil no ano de 2013 podem ser consideradas um marco para a presença e para o desenvolvimento de uma nova “onda conservadora” (ALMEIDA, 2019), que teve seu ponto alto na eleição de Jair Bolsonaro em 2018. A ascensão da extrema direita, contudo, já estava presente em outros países desde o início dos anos 2000, uma vez que se trata de uma reação às mudanças que ocorrem com a era global na economia, na cultura, na política e na sociedade. A ênfase no Deus do Velho Testamento: punitivo, cruel e vingativo é incorporada por Jair Bolsonaro ao longo de sua campanha na medida em que se aproxima cada vez mais de grupos pentecostais e neopentecostais e a transposição dessa ideia pode ser vista na propagação de um discurso que visa reformular o que é o povo e a sociedade a partir da ideia de um Estado social exclusivo, restritivo e excludente: apenas o cidadão de bem, que se esforça, e que se comporta segundo a moral cristã (o que implica uma moralidade em todas as esferas da vida: pessoal, pública e laborativa) deve possuir direitos:

Imagem 4 - Tweet Bolsonaro: Futuro da Nação



Essa divisão entre cidadão de bem e o outro corrupto e imoral é fundamental para compreender a mentalidade populista contemporânea que, segundo Tarchi (2015), identifica idealmente e miticamente o povo como um todo orgânico, coeso, harmônico, homogêneo, puro e ético naturalmente: digno, honesto, trabalhador, generoso, esforçado e disposto a realizar sacrifícios em prol do bem comum. Todavia, o povo idealizado pela mentalidade populista é distinto entre si na medida em que as funções, os papéis e as tarefas não são vistas como uma questão social, mas sim de ordem natural e religiosa, seguindo uma rígida hierarquia. Contraposto a este povo, há o “não povo” (TARCHI, 2015), aqueles corruptos e imorais: as elites nacionais e transnacionais, os bandidos, aqueles que não querem trabalhar, a comunidade LGBTQIA+, os refugiados e imigrantes, os afrodescendentes, as mulheres e os indígenas. Em suma, todos aqueles que ameaçam a estabilidade de uma ordem econômica, social e cultural vista, sentida e pensada como natural.

A partir dessa mentalidade Jair Bolsonaro articula uma “ética econômica” baseada no Mercado, na ascensão social e econômica e na prosperidade a partir do esforço pessoal (sem questionar as desigualdades estruturais que permeiam o mundo e a sociedade brasileira), a uma política de segurança pública fundamentada no encarceramento em massa e no punitivismo como meio de alcançar a “ordem”, e a um “conservadorismo ativo” que insere como pauta pública a moral evangélica (que vê a família tradicional ameaçada pelas transformações econômicas, sociais e culturais) (ALMEIDA, 2019). Portanto, é o cidadão comum e simples que é a verdadeira vítima do sistema, tanto pelo pagamento de altos impostos que não o permitem empreender e prosperar, quanto pelas reivindicações das

minorias que ameaçam seus valores e seu status econômico e material. O discurso de Jair Bolsonaro é, dessa forma, profundamente redentor e vingativo com relação ao establishment político, às elites políticas, econômicas e culturais e às minorias, que nessa visão de mundo mesmo sem o devido merecimento e esforço, conquistaram reconhecimento, direitos e poder (TARCHI, 2015):

Imagem 5 - Tweet Bolsonaro: Futuro da Nação



Imagem 6 - Tweet Bolsonaro: Segurança Pública e Liberdade



Imagem 7 - Tweet Bolsonaro: Livre Mercado



Imagem 8 - Tweet Bolsonaro: Livre Mercado



Imagem 9 - Tweet Bolsonaro: Neoconservadorismo

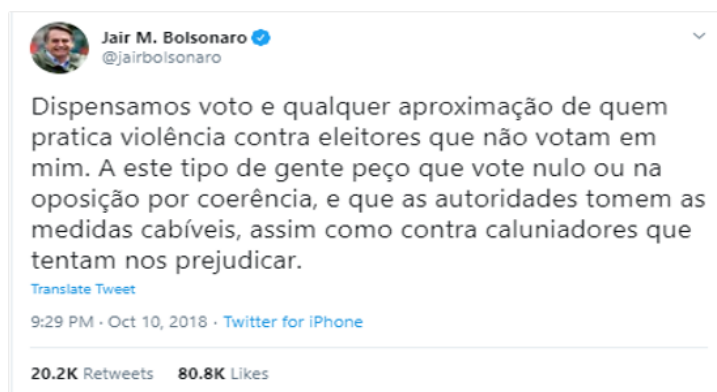


Assim, o líder populista se apresenta enquanto alguém que veio “de fora” da política, pois não faz parte dessa elite corrupta e sim do povo e, portanto, um salvador da pátria, um soldado, um capitão que não foge à luta e à missão de restaurar a ordem social e política nos moldes religiosos. Por isso Jair Messias Bolsonaro, mesmo sendo deputado federal desde 1991 consegue se apresentar enquanto um *outsider* e conquistar a confiança daqueles que já não possuíam mais nenhuma em relação à política brasileira. Além disso, a facada que Jair Bolsonaro recebeu enquanto fazia sua campanha eleitoral em Juiz de Fora – MG foi essencial para a construção de sua “aparência social” (CARNEVALI, 2012). Sendo aclamada pelo povo brasileiro, autêntico e verdadeiro, foi vítima de uma violência, segundo ele, característica da oposição e dos partidos de esquerda. Além de rebater todas as denúncias de discurso de ódio e violência praticadas contra as minorias com esse argumento, a recuperação de Bolsonaro também adquiriu uma aura religiosa, na medida em que “volta renascido da quase morte” (KALIL, 2020), pois é fiel a Deus e por Ele foi escolhido para governar o povo. Logo, Jair Bolsonaro se manifesta enquanto um patriota, que faz parte do povo e, portanto, possui uma superioridade moral, e que é cristão, honesto e capaz de salvar a *Pátria amada Brasil*.

Imagem 10 - Tweet Bolsonaro: “O Brasil é um só”



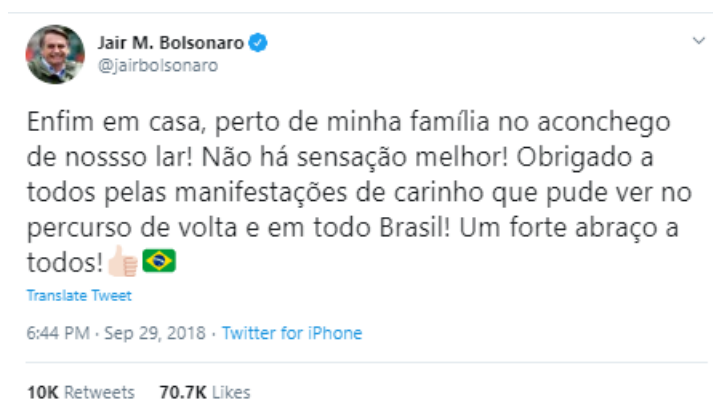
Imagem 11 - Tweet Bolsonaro: Ataques à Esquerda



A partir do dia em que Jair Bolsonaro sofre um golpe de faca, sua campanha guina quase que exclusivamente para um marketing político digital e retira-se da cena da campanha tradicional, sobretudo dos debates televisivos. Com essa estratégia Bolsonaro consegue estabelecer uma comunicação direta com a massa digital, ou seja, uma comunicação sem mediação. Na era da “opulência informativa” (ERCOLANI, 2019) a mediação é considerada como uma forma de não transparência e de obstrução às informações, portando, de desonestidade e arrogância. A comunicação direta com o povo é fundamental para o estabelecimento de uma “relação libidinal” (FREUD, 2011) que ao distinguir os amigos dos inimigos, vincula Jair Bolsonaro ao povo autêntico e desfigura a democracia representativa (URBINATI, 2014). Assim, a representação dos partidos políticos é despotencializada e a afirmação “eu sou meu eleitorado” (HAN, 2018, p. 39) ou eu sou a voz do povo retira da política o tempo do futuro, e a limita ao tempo do presente, da pouca reflexão e da falta de diálogo, pois a exigência por transparência impossibilita a discussão de problemáticas e temas não populares ou até mesmo controversos (HAN, 2018).

Em suma, o populismo contemporâneo representa um “fenômeno reativo” à era da globalização e que se utiliza de uma noção restritiva de povo – que não existe por si só, mas adquire significado e sentido de acordo com a visão de mundo que é evocada na rede – como instrumento discursivo e de apelo emocional (DAL LAGO, 2017). É então o ambiente digital que caracteriza o populismo contemporâneo também como um fenômeno inaudito, que se desenvolve de forma acelerada no novo “espaço-tempo da Internet” (DAL LAGO, 2017, p. 63), que além de modificar o ser no mundo, transforma e modela a forma de fazer política. A extrema direita, particularmente os líderes populistas, foram capazes de perceber que o voto não se restringe à esfera da razão e dos fatos, mas que está profundamente vinculado às “necessidades emocionais” (ILLOUZ, 2017) e identitárias (LAKOFF, 2004). A invasão do privado na esfera pública não apenas se estabelece com a imposição dos valores do Mercado na política, mas também com uma mudança na linguagem política. O líder populista posta diariamente em suas redes sociais o seu cotidiano, histórias pessoais, ou seja, o que antes pertencia ao mundo privado. No caso de Jair Bolsonaro, seus *tweets* buscam demonstrar a sua preocupação e respeito à família:

Imagem 12 - Tweet Bolsonaro: Família



É por isso que Illouz (2017) aponta para a importância da intimidade, como uma das emoções essenciais à mentalidade populista contemporânea – ao lado do medo e do ressentimento. A introjeção dos valores do líder nos membros da massa só é possível a partir da ilusão da intimidade que a rede possibilita com a exposição da vida cotidiana de Jair Bolsonaro e com a comunicação direta entre líder e massa digital. A identificação vertical com o líder e a identificação horizontal entre os iguais da massa produz a sensação do resgate de uma comunidade e do “amor do grupo” (ILLOUZ, 2017), em linguagem freudiana, do narcisismo coletivo. Todavia essa verticalização da política que acontece com o deslocamento da representação partidária para a representação individual, se estabelece ao mesmo tempo que Jair Bolsonaro alega aproximar a política do povo. Essa alteração da substância política, junto com a invalidação dos procedimentos democráticos em prol da “obtenção de resultados corretos” (URBINATI, 2014, p. 7), isto é, de resultados considerados morais de acordo com uma determinada visão de mundo, longe de ir em direção a uma ordem mais democrática, acaba se afastando dela ao propor um Estado social apenas para os brasileiros autênticos, verdadeiros e morais.

Dessa forma, a comunicação direta entre líder e seguidor desestabiliza as instituições democráticas e representativas (DAL LAGO, 2017), que também estão sendo transformadas pela invasão do privado e do Mercado na esfera pública, inclusive a de formação de opiniões e, pelo crescimento do populismo pelo mundo que polariza emotivamente a sociedade na qual se assenta (ABRANCHES, 2019). A conquista de reconhecimento, direitos, poder e status econômico a partir dos anos 1960 e 1970 por grupos sociais e identitários que estavam relegados a invisibilidade social no curso da história tornam-se um combustível para o ressentimento quando entram em contato com as incertezas, inseguranças e novos medos do

indivíduo desorientado na era global. O indivíduo que se sente ameaçado por transformações na cultura, na sociedade, na política e na economia, primeiro se sente humilhado e, segundo vai em busca de um grupo no qual possa se sentir parte e junto com os seus iguais, vai em busca de novas “formas de encontrar a sua honra”: o orgulho no trabalho, no espaço local e regional, nos valores da família tradicional e cristã e, o orgulho no eu da “história profunda” (HOCHSCHILD, 2016, p. 216). Jair Bolsonaro ao negar a configuração atual da sociedade oferece uma fonte de orgulho na esperança de um futuro melhor e em uma identidade específica de ser brasileiro baseada nos valores cristãos:

Imagem 13 - Tweet Bolsonaro: Educação e Futuro da Nação



Jair Messias Bolsonaro, ao desenvolver a mentalidade populista no Brasil, mostra-se capaz de fornecer a essas pessoas promessas de um futuro redentor a partir do retorno a uma comunidade autêntica, orgânica, coesa, na qual o homem não se preocupa mais com o desemprego e com as dificuldades de exercer o papel de pai de família (TARCHI, 2015; ILLOUZ, 2017). Uma comunidade em que cada um sabe o seu papel social e o seu lugar “natural”, hierarquizado rigidamente por uma “ordem divina”. Uma comunidade em que é possível empreender e prosperar sem as demasiadas burocracias e taxas do Estado, ao mesmo tempo que é possível ser livre emocionalmente do politicamente correto. E por fim, uma comunidade cuja estabilidade é garantida, e que os novos medos, as inseguranças e as incertezas da era global não mais existam ou não sejam vetores de desorientação. De maneira geral, Jair Bolsonaro evoca os sentimentos de traição, de ódio e de ressentimento ao não cumprimento das promessas da democracia e da razão de uma vida próspera e livre, e

responde emocionalmente ao surgimento de um “precariado” global (MISHRA, 2018), sem contudo questionar a ordem capitalista que sustenta o trabalhador precário.

É importante deixar claro que essa desfiguração da democracia não implica uma mudança de regime, mas uma modificação da “figura externa da democracia de uma forma visível” (URBINATI, 2014, p. 6). Isto é, a mentalidade populista visa uma manutenção da ordem social na medida em que não coloca em xeque as elites em si, tampouco o sistema de exploração capitalista. O que é questionado são as classes dirigentes traidoras da pátria, e as pessoas e grupos que acessam o poder político econômico e cultural, na visão neoconservadora, de maneira injusta. A classe política em específico é vista como parasitária e aproveitadora do trabalho duro dos cidadãos simples, bem como usurpadora da soberania popular (TARCHI, 2015). Isso fica claro quando Jair Bolsonaro simplifica a realidade complexa da configuração societária e dos processos políticos e de sociação. Para o líder populista trata-se apenas de uma questão de bom senso, ou seja, qualquer cidadão moral seria plenamente capaz de solucionar os múltiplos, tensos, plurais e complexos problemas sociais contemporâneos, orientando o Brasil para um caminho próspero economicamente:

Imagem 14 - Tweet Bolsonaro: Futuro da Nação e Prosperidade



Em síntese, os 148 *tweets* analisados possibilitam compreender as particularidades da mentalidade populista desenvolvida por Jair Messias Bolsonaro. No que diz respeito aos dados quantitativos, Bolsonaro postou a maioria de suas publicações no período da tarde (entre 12h e 18h), seguido do período da noite (entre 18h e 01h) e do período da manhã (entre 5h e 12h), com as respectivas quantidades de *tweets*: 56, 50 e 42. Por mais que o uso de imagens, vídeos e emojis sejam ferramentas fundamentais à construção de uma estética e de

mensagens populistas, no total apenas 50 *tweets* utilizam essas formas de comunicação: 22 *tweets* possuem vídeos, 18 *tweets* possuem emojis (sendo eles a bandeira do Brasil e uma mão branca fazendo um sinal de positivo feito com o polegar apontado para cima) e 10 possuem imagens. No que diz respeito às intersecções, apenas 2 utilizam emojis combinados com imagens, e 1 combinando emojis e vídeos. Já em relação ao alcance das postagens, serão referenciadas apenas as 5 com o maior número de *retweets*, *likes* e *comentários*. As publicações de maior alcance variam de acordo com as categorias, assim a de *retweets* possui alcance entre 32.300 pessoas e 51.600, a de *likes*, entre 140.800 e 204.500 pessoas e a de comentários entre 15.300 e 70.000 pessoas.

Tabela 1 – Alcance de pessoas por *retweets*, *likes* e comentários

RETWEETS	LIKES	COMENTÁRIOS
(Tweet 147) 51.600	(Tweet 116) 204.500	(Tweet 40) 70.000
(Tweet 116) 38.500	(Tweet 9) 189.300	(Tweet 130) 23.000
(Tweet 4) 38.400	(Tweet 147) 161.100	(Tweet 105) 21.600
(Tweet 9) 38.000	(Tweet 43) 149.000	(Tweet 107) 15.500
(Tweet 61) 32.300	(Tweet 4) 140.800	(Tweet 109) 15.300

Especificamente em relação às mensagens difundidas e disseminadas por Jair Bolsonaro em seu *Twitter*, é possível perceber como o líder populista se apropria de um sentimento de desconfiança generalizada com os partidos tradicionais e com as instituições representativas da democracia, e como utiliza instrumental e politicamente desse sentimento ao propor a sua eleição como única solução rumo a prosperidade. O desprezo pela “máquina” pública e pelos políticos de carreira é somado à utilização de uma linguagem agressiva que culpabiliza os antigos governos, comparados a “facções” por toda forma de corrupção, mentira, desonestidade, em suma, por todos os problemas que o Brasil enfrenta, inclusive aqueles de ordem global. Apenas Jair Bolsonaro não “vende sua alma” para o poder do dinheiro, diferente de todos os outros é “limpo”, e assim, utiliza o argumento de que gastou menos em sua campanha do que o político tradicional para comprovar a sua verdadeira preocupação com o futuro do país:

Imagem 15 - Tweet Bolsonaro: Futuro da Nação

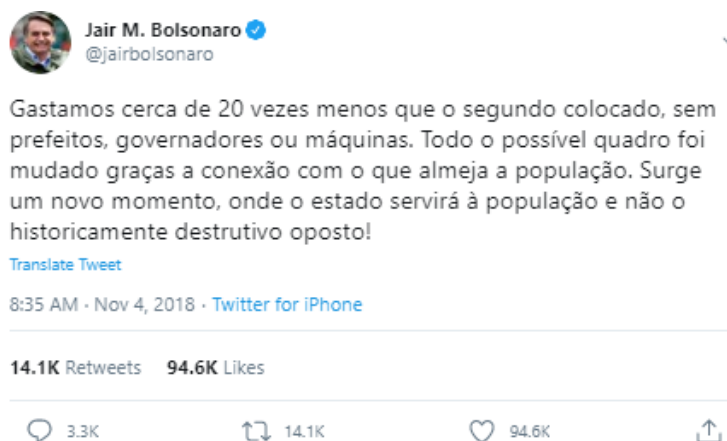


Imagem 16 - Tweet Bolsonaro: Corrupção e Futuro da Nação

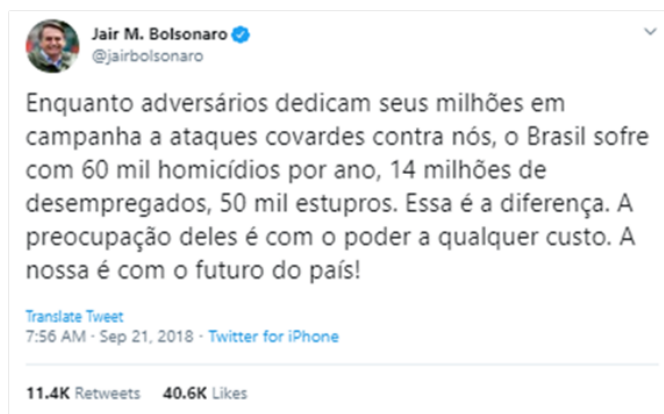


Imagem 17 - Tweet Bolsonaro: Corrupção e Futuro da Nação



Imagem 18 – Corrupção e PT



Imagem 19 – Tweet Bolsonaro:

Corrupção e Futuro da Nação



Imagem 20 - Tweet Bolsonaro:

PT e Corrupção



A crise dos partidos tradicionais e da política como um todo está profundamente ligada à incapacidade de muitos partidos de esquerda em realizar as promessas da própria democracia representativa: “inclusão social e igualdade” (SOLANO, 2018). Os ideais

progressistas de esquerda foram esvaziados ao passo que a extrema direita se articulava e se apropriava da pauta nacional: a preocupação com o trabalhador. Tanto a socióloga israelita Eva Illouz (2017) quanto o antropólogo francês Jean-Loup Amselle (2018) apontam para uma espécie de migração da esquerda para as demandas identitárias e de reconhecimento. O desaparecimento da problemática marxista dificulta o questionamento da exploração capitalista em prol do esforço pessoal, mas também das questões identitárias. Essa “eticização” ou “racialização” da política desloca a figura do inimigo do capitalista para o indivíduo: “o imigrante, o refugiado, o estrangeiro, o mulçumano, o negro, o árabe ou o judeu” (AMSELLE, 2018, p. 142), bem como para os grupos sociais minoritários: as mulheres, a comunidade LGBTQIA+ e os afrodescendentes. Assim, na mesma medida em que culpabiliza esses grupos e indivíduos, Jair Bolsonaro também alega que apenas a igualdade, aqui contraposta não à desigualdade social e econômica estrutural, mas à vitimização e ao privilégio das minorias, é capaz de reordenar o Brasil.

Imagem 21 – Tweet Bolsonaro: “O Brasil é um só”



Os ataques à esquerda brasileira concentram-se em duas questões: a defesa da família tradicional e da educação sem viés ideológico como forma de proteger as crianças e os jovens, formando profissionais de qualidade e não militantes políticos. Isso implica, contudo, na negação da existência de um discurso de ódio, que é entendido como uma piada e como demonstração de honestidade: diferentes dos outros políticos Bolsonaro é sincero e fala o que pensa (SOLANO, 2018). Aqui o argumento da liberdade de expressão é amplamente utilizado como forma de legitimação de uma linguagem discriminatória, mas também como forma de legitimar uma visão de mundo que não foi capaz de acompanhar as grandes transformações na sociedade, na economia e na cultura.

Imagem 22 - Tweet Bolsonaro: Liberdade de Expressão



Imagem 23 - Tweet Bolsonaro: Educação

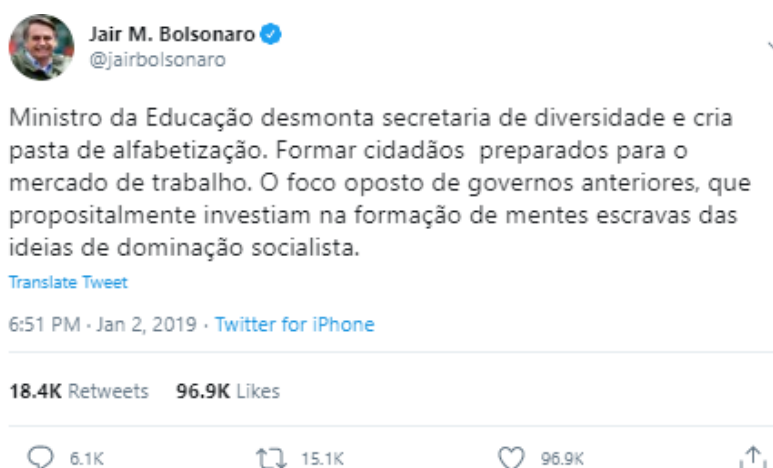
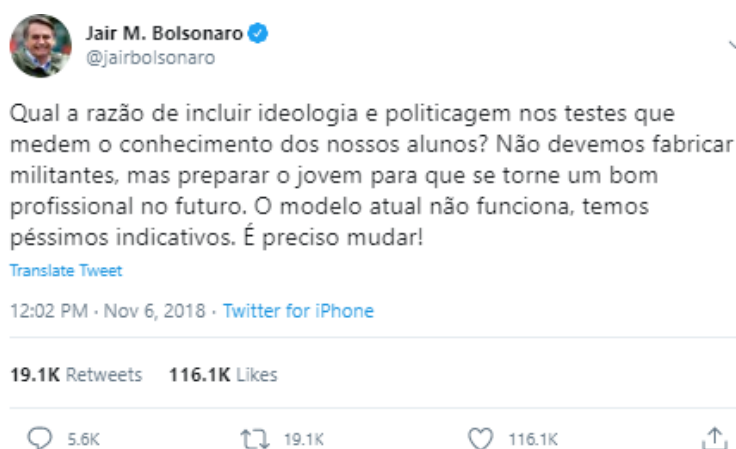


Imagem 24 - Tweet Bolsonaro: Educação



A promessa de uma política anticorrupção, e voltada para a segurança pública também foi um dos núcleos da campanha eleitoral de Jair Bolsonaro que possibilitou com que muitos

eleitores se identificassem com o líder e cressem na sua capacidade de falar pelo povo, de sentir pelo povo e, assim, de defender e lutar pelo cidadão de bem, que nessa visão é o verdadeiro e autêntico povo brasileiro. A questão da segurança pública no Brasil realmente impacta de imediato todos os cidadãos. Contudo, a estratégia comunicativa de Bolsonaro instrumentaliza politicamente a violência e a insegurança a partir da inflamação do pânico e do medo nos eleitores. De acordo com o Atlas da Violência de 2020 a taxa de homicídio no Brasil diminuiu 12% entre os anos de 2017 e 2018, devido a 4 fatores: a “aprovação da legislação criando o Sistema Único de Segurança Pública (Susp), e a instituição do Plano Decenal de Segurança Pública (PDSP)”, a diminuição da “proporção de jovens na população”, o Estatuto do Desarmamento e “políticas estaduais de segurança”. Ainda assim, a sensação de insegurança não diminuiu no Brasil, na verdade parece ter aumentado e por isso mobilizar o medo da criminalidade foi tão fundamental para a eleição de 2018: Bolsonaro propõe como resposta a incapacidade sobretudo do Partido dos Trabalhadores de promover essa segurança, uma política pública punitivista, com foco na guerra às drogas, na militarização da polícia, no armamento civil, no endurecimento das penas e na redução da maioria penal (SOLANO, 2019).

Imagem 25 - Tweet Bolsonaro: “O Brasil é um só”



Imagem 26 - Tweet Bolsonaro: Segurança Pública

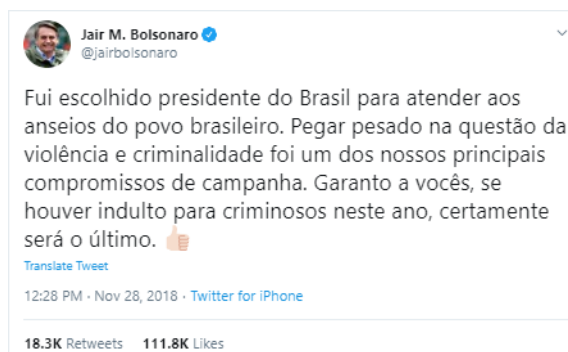


Imagem 27 - Tweet Bolsonaro: Segurança Pública

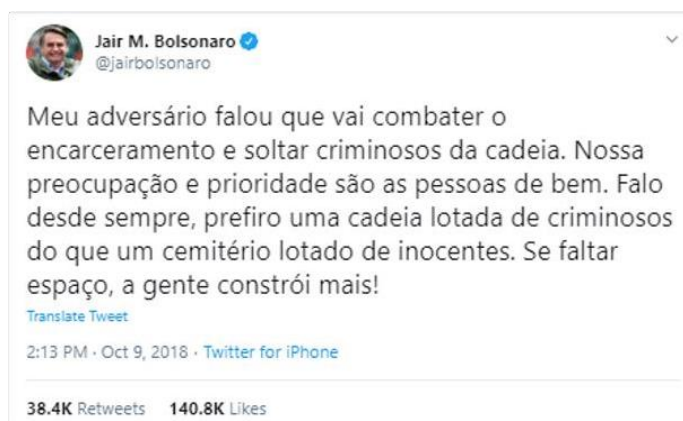


Imagem 28 - Tweet Bolsonaro: Segurança Pública



Dessa forma o PT é visto como centralizador de todo o mal do país e de tudo que destrói a nação: a corrupção política e moral, a ameaça à democracia e aos desejos do povo verdadeiro, a inversão dos valores neoconservadores e neoliberais, a desunião e segregação dos brasileiros e de suas famílias, a capacidade de mentir e enganar o povo, as ideologias marxistas, de esquerda e de gênero, a criminalidade, o autoritarismo, a manipulação eleitoral, a compra de votos, entre outros. Segundo Bolsonaro, o Partido dos Trabalhadores produziu uma desunião no Brasil por meio de políticas identitárias que são consideradas pela extrema direita como uma forma de segregação e de privilégio para aqueles não querem se esforçar ou trabalhar duro. Assim, por mais que o antipetismo não seja o suficiente para explicar a eleição de 2018, ele foi fundamental para o discurso agressivo, bruto e cheio de sarcasmos e ironias de Bolsonaro, tanto é que é uma das temáticas mais recorrentes em seus *tweets*:

Imagem 29 - Tweet Bolsonaro: “O Brasil é um só”

 **Jair M. Bolsonaro** ✓
@jairbolsonaro

O PT agora tenta jogar católicos e evangélicos uns contra os outros. Essa divisão ofende várias famílias que, assim como a minha, são formadas por diferentes vertentes. Não conseguirão! Estamos todos unidos contra a inversão de valores que impera há anos e que destrói nosso país!

[Translate Tweet](#)

6:38 PM · Oct 12, 2018 · [Twitter for iPhone](#)

13.1K Retweets **53.4K** Likes

 1.7K  13.1K  53.4K 

Imagem 30 - Tweet Bolsonaro: PT e Corrupção

 **Jair M. Bolsonaro** ✓
@jairbolsonaro

Haddad, o fantoche do presidiário corrupto, escreve que está na moda um anti-intelectualismo no Brasil. A verdade é que o marmita, como todo petista, fica inventando motivos para a derrota vergonhosa que sofreram nas eleições, mesmo com campanha mais de 30 milhões mais cara.

[Translate Tweet](#)

12:42 PM · Jan 5, 2019 · [Twitter for iPhone](#)

14.9K Retweets **86.5K** Likes




 9.2K  11.7K  86.5K 

Imagem 31 - Tweet Bolsonaro: Antipetismo

 **Jair M. Bolsonaro** ✓
@jairbolsonaro

Haddad diz que sou responsável pela campanha mais baixa da história. Logo ele, que é orientado por um presidiário, esconde as cores do partido, finge ser religioso, joga bíblia no lixo, esconde apoio à ditadura venezuelana e espalha um monte de porcarias mentirosas ao meu respeito.

[Translate Tweet](#)

10:33 AM · Oct 26, 2018 · [Twitter for iPhone](#)

21.2K Retweets **87K** Likes

 4.2K  21.2K  87K 

Imagem 32 - Tweet Bolsonaro: PT e Corrupção



Jair M. Bolsonaro
@jairbolsonaro

Se eu usasse caixa dois, seria candidato pelo PT, eles privilegiam quem tem envolvimento com o crime. Não é à toa que o verdadeiro candidato deles está na prisão!

[Translate Tweet](#)

7:34 PM · Oct 18, 2018 · [Twitter for iPhone](#)

16.8K Retweets 70.8K Likes



4.6K



16.8K



70.8K



Imagem 33 - Tweet Bolsonaro: Antipetismo



Jair M. Bolsonaro
@jairbolsonaro

O PT não está sendo prejudicado por fake news, mas pela VERDADE. Roubaram o dinheiro da população, foram presos, afrontaram a justiça, desrespeitaram as famílias e mergulharam o país na violência e no caos. Os brasileiros sentiram tudo isso na pele, não tem mais como enganá-los!

[Translate Tweet](#)

2:36 PM · Oct 18, 2018 · [Twitter for iPhone](#)

16.8K Retweets 60.5K Likes



3.8K



16.8K



60.5K



Imagem 34 - Tweet Bolsonaro: Antipetismo



Jair M. Bolsonaro
@jairbolsonaro

Apoio voluntário é algo que o PT desconhece e não aceita. Sempre fizeram política comprando consciências. Um dos ex-filiados de seu partido de apoio, o PSOL, tentou nos assassinar. Somos a ameaça aos maiores corruptos da história do Brasil. Juntos resgataremos nosso país!

[Translate Tweet](#)

1:41 PM · Oct 18, 2018 · [Twitter for iPhone](#)

11K Retweets 41.6K Likes



3.4K



11K



41.6K



Imagem 35 - Tweet Bolsonaro: Antipetismo



Jair M. Bolsonaro ✓
@jairbolsonaro

Há vários sinais que indicam que um governo tem viés autoritário. Aliança com ditaduras, o controle da mídia, desarmamento dos cidadãos, aparelhamento das instituições e a corrupção como forma de anular os poderes são exemplos, e todos estão presentes no PT. Repudiamos tudo isso!

[Translate Tweet](#)

8:46 PM · Oct 13, 2018 · [Twitter for iPhone](#)

13.8K Retweets 55.5K Likes

2K 13.8K 55.5K

Imagem 36 - Tweet Bolsonaro: Antipetismo



Jair M. Bolsonaro ✓
@jairbolsonaro

O Partido dos Trabalhadores financiou ditaduras via BNDES; anulou o legislativo no mensalão; tem tesoureiros, marketeiros e ex-presidente na cadeia por corrupção; quer acabar com a Lava Jato, além de controlar a mídia e internet. Se alguém ameaça a democracia, esse alguém é o PT!

[Translate Tweet](#)

10:08 PM · Oct 7, 2018 · [Twitter for iPhone](#)

32.3K Retweets 102.9K Likes

Imagem 37 - Tweet Bolsonaro: PT e Corrupção



Jair M. Bolsonaro ✓
@jairbolsonaro

A indignação seletiva e a desonestidade de alguns:

[Translate Tweet](#)



“Ela não é nenhuma nordestina. Ela é uma mulher bem formada.” XENOFOBIA
“Pelotas é cidade polo, né? Exportadora de Veado!” HOMOFOBIA
“Cadê as mulheres do grelo duro do nosso partido? ESTUPIDEZ E MISOGINIA
“... Ele nunca suportou negro. Em nosso tempo de namoro, ele dizia que detestava negro...” (ex mulher falando) RACISMO
“O Hitler, mesmo errado, tinha aquilo que eu admiro num homem.” NAZISMO

SE AS FRASES FOSSEM DO BOLSONARO, VOCE FARIA UM TEXTÃO, MAS COMO SÃO FRASES DO LULA, VOCE PODE FINGIR QUE NÃO VIU, HIPOCRITA.

7:19 PM · Sep 23, 2018 · [Twitter for iPhone](#)

10.5K Retweets 36.2K Likes

Assim, ao mesmo que tempo que utiliza das redes sociais para atacar as mídias e os meios de comunicação e informação tradicionais, o Partido dos Trabalhadores e os seus adversários políticos, Bolsonaro sente-se atacado por estes e protesta, em sua rede social, o controle da mídia e da internet pela esquerda brasileira. Para ele, isso explica a perseguição que sofre. Como resposta, Bolsonaro tenta mostrar a sua estabilidade moral, o seu compromisso com a nação e com os valores do cidadão de bem, que possui desde o início da sua carreira política – diferente, é claro, dos outros partidos e líderes políticos maleáveis aos desejos de “terceiros”, isto é, não do povo, mas da classe dirigente que traiu esse povo.

Imagem 38 - Tweet Bolsonaro: Compromisso com a Nação



Imagem 39 - Tweet Bolsonaro: Compromisso com a Nação

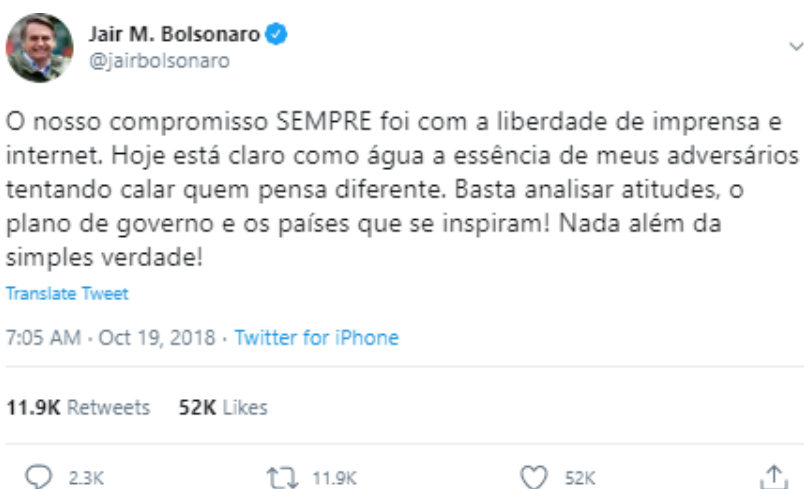


Imagem 40 - Tweet Bolsonaro: Compromisso com a Nação e Antipetismo



Imagem 41 - Tweet Bolsonaro: Ataques às Mídias de Comunicação e Informação

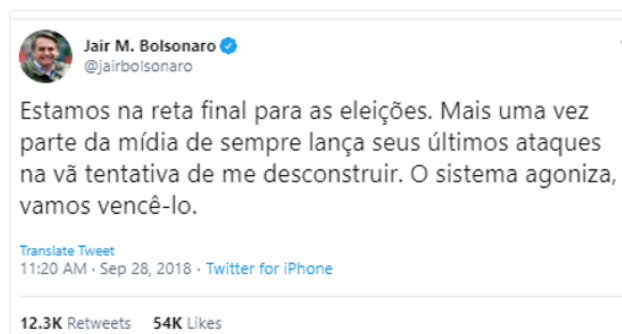


Imagem 42 - Tweet Bolsonaro: Ataques às Mídias de Comunicação e Informação



Em suma, os *tweets* de Jair Bolsonaro analisados se referem de maneira interligada às seguintes temáticas: 1) a destruição da família tradicional pelos anos de governo petista e a conseguinte defesa desta por Bolsonaro na medida em que respeita e pratica os valores religiosos cristãos; 2) a sensação generalizada de medo devido aos problemas de segurança pública e criminalidade urbana, que devem ser combatidos a partir do encarceramento em massa e do punitivismo; 3) a corrupção da classe dirigente e política brasileira que veio à tona com a Operação Lava-Jato, e a necessidade de combater a corrupção o que só pode ser garantido com a eleição de Bolsonaro; 4) a contaminação da educação brasileira, junto com a sexualização das crianças e jovens pela ideologia de gênero, de esquerda e marxista; 5) a defesa do mercado livre a partir da redução de impostos, do enxugamento da máquina pública, da desburocratização e do enriquecimento a partir do esforço pessoal; 6) a culpabilização do PT, visto enquanto um partido que se assemelha às facções criminosas, que é corrupto, inclusive moralmente, pela situação social, econômica, política e cultural brasileira; 6) a solução dos problemas brasileiros a partir da eleição de um líder religioso, limpo da corrupção política e moral; aqui, Jair Bolsonaro possibilita aos seus seguidores uma nova esperança em um futuro melhor e próspero; e, 7) os diversos ataques às mídias televisas e jornalísticas que se posicionam contra Bolsonaro, bem como às instituições representativas brasileiras a partir de uma linguagem bruta, agressiva e muitas vezes irônica e sarcástica.

A articulação de todas essas temáticas é a síntese da mentalidade populista desenvolvida por Jair Messias Bolsonaro no Brasil. De maneira geral, Bolsonaro é capaz de colher quais são os novos medos que o cidadão brasileiro sente: a perda dos pontos de referência e modelos de orientação assentados em papéis sociais hierarquizados e rígidos, o desemprego, a violência, a queda no nível de vida, a dessincronização com as mudanças sociais, culturais e tecnológicas, a perda de esperança no futuro, a desconfiança com a democracia representativa e a sensação de falta de representatividade política, entre outros. Contudo, Jair Bolsonaro só pode aparecer rapidamente enquanto um líder de influência nas redes sociais. A dimensão digital da política é essencial para compreender como a mentalidade do populismo contemporâneo se desenvolve ao redor do mundo (DAL LAGO, 2017). Além disso, é apenas com o advento da rede que é possível uma transformação da linguagem política. Se antes a mediação restringia as informações e determinava um tipo específico de linguagem a ser usado, a rede social hoje inaugura a “imprevisibilidade política” (DAL LAGO, 2017), a “opulência informativa” (ERCOLANI, 2019) e, o deslocamento da linguagem particular para a esfera pública: Bolsonaro fala como se estivesse entre amigos, de

maneira simples, rápida, com frases curtas, palavrões e erros gramaticais, amorosa com os iguais, e bruta e agressiva com os desiguais, no caso, os inimigos da pátria.

3.2 O sujeito digital: a linguagem populista e os seguidores de Jair Messias Bolsonaro

No total foram selecionados 25 comentários a partir das 5 publicações com o maior número de *retweets* de Jair Bolsonaro (5 comentários para cada uma dessas). O critério principal foi a escolha dos comentários com o maior número de *likes*, contudo não é possível achar um padrão: apenas alguns comentários possuem muitos *likes*, e muitos não possuem nenhum. Dessa forma, o segundo critério para a seleção foi o uso de uma linguagem agressiva para com os inimigos, o uso de emologismos e as falas que demonstraram uma identificação plena com a voz líder. É importante ressaltar que a escolha dos comentários dos seguidores de Bolsonaro não teve como intuito distinguir os perfis verdadeiros dos falsos, pois estes são um dos meios mais eficazes para a disseminação das palavras, das ideias, dos valores e das fórmulas proferidas pelo líder populista a partir de uma repetição constante e permanente de suas mensagens.

As grandes e profundas transformações que ocorrem no tempo histórico e no espaço social também impactaram a “língua do tempo presente” (ZAGREBELSKY, 2010). A introjeção da racionalidade neoliberal em todas as esferas da vida impõe a necessidade de uma nova forma de agir e de se comunicar politicamente: a antipolítica. A associação da política como profissão, à corrupção, à ineficiência, à improdutividade, à incompetência, ao parasitismo, dentre outros, se estabelece ao mesmo tempo em que se produz uma nova figura política: a do líder que “desceu do céu para nós homens” (ZAGREBELSKY, 2010, p. 14). Aqui o líder populista possui uma missão redentora, condutora e providencial, pela qual deve sacrificar-se para salvar a política e devolver a soberania para o povo. Assim, a construção da política populista nos termos religiosos se desenvolve por meio da “fabulação”, do “*storytelling*” e da “*narração*”, em que o diálogo e a reflexão (cruciais à linguagem política da modernidade) são retirados de cena, ao passo que se impõem a opinião e a suposição (ANTONELLI, 2017).

Nesse mesmo sentido, a linguagem de Jair Bolsonaro se desloca da argumentação para uma “comunicação icônica” (ANTONELLI, 2017) que tem como intuito o contágio da massa digital a partir de um discurso emotivo. A destituição do *logos* como núcleo da linguagem implica na atual incapacidade dialógica: os acordos e compromissos políticos foram

destruídos, e a hiper individualidade do eu sem vínculos adentra a esfera pública. O uso do pronome “me” junto a palavra “representa” é um indício de que a representação já não é mais consensual, pelo menos politicamente: hoje em dia é muito comum ouvir ou ler a expressão “não me representa” se referindo a Bolsonaro ou ao PT. O fato é que independente do voto pessoal tanto Bolsonaro, quanto Dilma e Lula foram eleitos majoritariamente como representantes do povo brasileiro enquanto presidentes da república. Além disso, o uso do pronome “nós” também está sendo ressignificado pela mentalidade populista, na medida em que redefine o que é o povo e a sociedade. O uso do termo “nosso presidente” faz referência a um grupo de brasileiros específicos: o cidadão de bem, que é religioso, que trabalha duro e que votou em Jair Bolsonaro. A categoria do outro é então reduzida em sua complexidade e todos aqueles que não votaram em Bolsonaro, ou que tecem críticas a Operação Lava-Jato são considerados esquerdistas, comunistas e, por isso, devem ser eliminados da vida pública, da cultura e da sociedade brasileira.

Imagem 43 - Tweet Bolsonaro: Polarização emocional



Imagem 44 – Comentários dos Seguidores: Identificação com a voz do líder

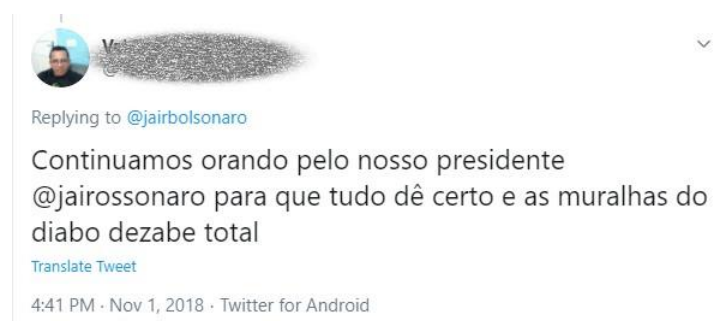
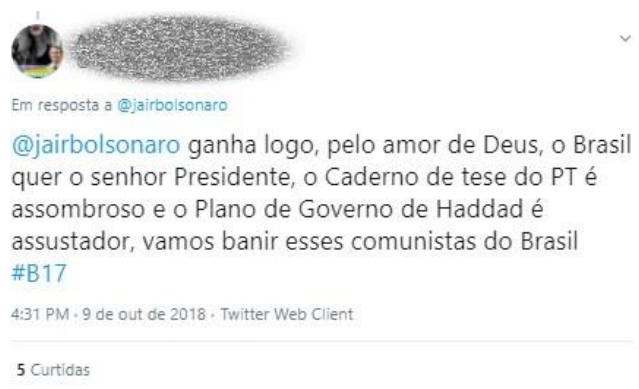


Imagem 45 – Comentários dos Seguidores: Antipetismo



A polarização social a partir da rede e nas redes sociais é muito mais intensa. A sociedade capitalista atual tem na Internet um instrumento de dominação e controle cada vez mais profundo e capilar. O uso repetitivo de palavras, de slogans, de imagens que se referem a uma determinada visão de mundo possibilitam a construção social das emoções nos indivíduos, a partir da introjeção de valores e ideias. Assim, a transformação na linguagem significa uma possibilidade objetiva de reenquadrar [*reframe*] ou de reformular a visão de mundo e o jeito de pensar dos indivíduos (LAKOFF, 2004). Segundo o linguista e cientista cognitivo estadunidense George Lakoff (2004), a forma que uma pessoa vê, sente e pensa o mundo é moldada pela estrutura mental do cérebro, na medida em que a linguagem é definida a partir dos “quadros conceituais” de cada indivíduo. O uso das palavras é então acompanhado de uma determinada ideia e de um determinado valor, ou seja, toda palavra aciona uma visão de mundo específica. Por isso é tão importante compreender como Jair Messias Bolsonaro escolheu, usou e produziu novas palavras, fórmulas e slogans que chamaram e chamam aceleradamente a atenção da massa digital.

Sem dúvida, as palavras possuem uma força que se pode chamar verdadeiramente de mágica (FREUD, 2011). Segundo Le Bon (1919, p. 84-5), essa potência das palavras se refere a “imagem” que é evocada e não necessariamente ao seu significado, por isso as palavras cuja definição não é precisa “possuem maior poder de ação” na medida em que aparentam ter as respostas para os mais diversos problemas: “estas palavras sintetizam diversas aspirações inconscientes e a esperança da sua realização.” É dessa forma que Jair Bolsonaro é capaz de redefinir o significado de povo, de nação e de sociedade. Ao acoplar às palavras como “esquerda”, “comunismo”, “socialismo” a imagem do autoritarismo, da violência, da corrupção, da preguiça, da incapacidade, Bolsonaro possibilita a polarização

emotiva como estratégia comunicativa: a ele são associadas as palavras como ordem, progresso, liberdade, igualdade e democracia. Esse “contexto de dramatização emotiva” (TARCHI, 2015, p. 131) mobiliza os seguidores de Jair Bolsonaro pelo uso constante de palavras e imagens, introjetando os valores e a visão de mundo do líder. Dito de outra forma, é assim que a visão de mundo de uma parcela considerável de brasileiros é reenquadrada, para usar a terminologia de Lakoff (2004), a partir da racionalidade neoliberal e neoconservadora.

Imagem 46 - Tweet Bolsonaro: Antipetismo



Imagem 47 - Tweet Bolsonaro: Ataques à Esquerda



Imagem 48 – Comentário dos Seguidores: Identificação com a voz do líder e Antipetismo

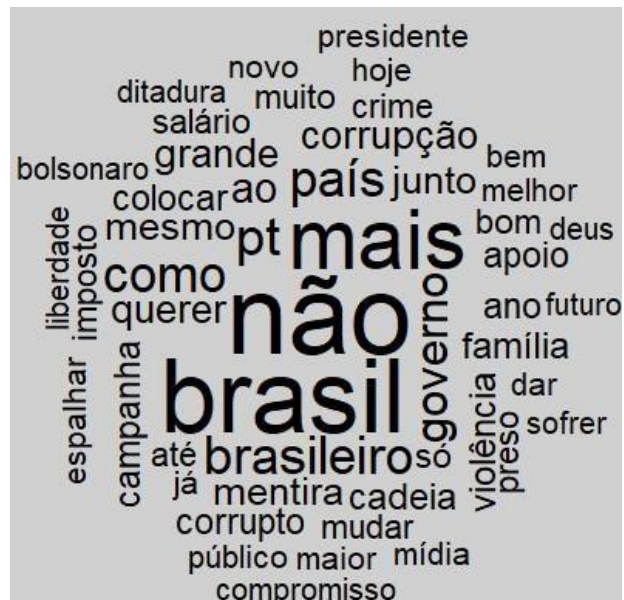


Dessa forma, fica claro que uma nova forma de “sociação” a partir da “interação” (SIMMEL, 2006) no meio digital potencializa a aproximação e o reconhecimento recíproco entre o líder e a massa digital. Para além dos diversos pedidos feitos pelos seguidores na esperança de que o líder os leia e os realize, o uso de emologismos, isto é, de “palavras, frases, fórmulas que funcionam como um emotion ou emoji” (ANTONELLI, 2017, p. 6), utilizados pelo líder também é presente na fala de seus seguidores. Assim, “Brasil” aparece como a segunda palavra mais utilizada por Bolsonaro. O slogan “Brasil acima de tudo, Deus acima de todos”, evidencia o interesse nacional e religioso a partir do medo e da identidade. A partir disso o Brasil é associado a duas visões: um país destruído pelas mentiras e pela corrupção do governo petista, e a possibilidade de transformar esse país numa grande nação, a partir da negação da ordem social dinâmica existente e pela união e apoio dos brasileiros verdadeiros a Jair Bolsonaro. A lista das palavras mais utilizadas por Jair Bolsonaro considerou apenas as seguintes classes gramaticais: adjetivos, advérbios, nomes comuns e verbos.

Tabela 2 – Uso das palavras por Jair Bolsonaro

PALAVRAS	NÚMERO DE REPETIÇÃO
<i>Não</i>	60
<i>Brasil</i>	55
<i>Mais</i>	43
<i>PT</i>	23
<i>Brasileiro</i>	23
<i>Como</i>	22
<i>País</i>	22
<i>Governo</i>	19
<i>Grande</i>	14
<i>Querer</i>	14
<i>Corrupção</i>	14
<i>Junto</i>	13
<i>Mesmo</i>	13
<i>Mentira</i>	12
<i>Cadeia</i>	12
<i>Violência</i>	12
<i>Corrupto</i>	11
<i>Apoio</i>	11
<i>Ano</i>	11
<i>Colocar</i>	11

Imagem 48 – Nuvem de Palavras



Fonte: Iramuteq

No que diz respeito a comunicação direta estabelecida entre o líder e a massa digital segue alguns comentários que demonstram a relação de reciprocidade e intimidade entre Jair Bolsonaro e seus seguidores. Nas redes sociais, o indivíduo escreve se referindo pessoalmente ao líder populista na esperança de ser escutado ou no desejo de interagir diretamente com este, como em uma conversa entre amigos:

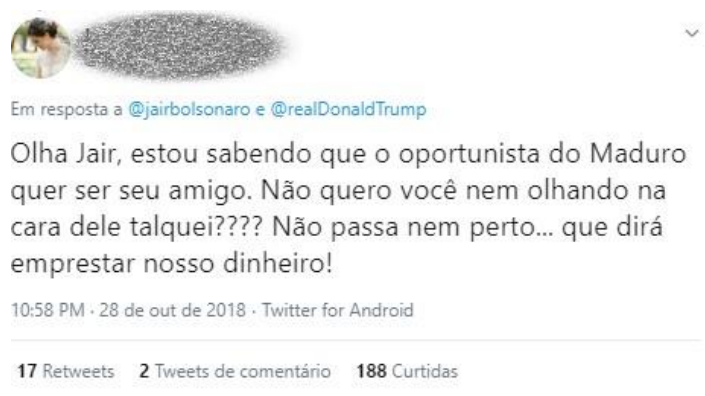
Imagem 49 – Comentário dos Seguidores: Identificação com a voz do líder



Imagem 50 – Comentários dos Seguidores: Comunicação Direta entre Líder e Massa Digital



Imagem 51 - Comentários dos Seguidores: Comunicação Direta entre Líder e Massa Digital



Aí está por que para entender a linguagem populista desenvolvida por Jair Messias Bolsonaro é fundamental compreender o contexto social e político brasileiro: a língua é a “casa do ser” (HEIDEGGER, 2003, p. 127), isto é, o senso das palavras revela o próprio senso da vida. A era global e o uso descontrolado das redes sociais, inclusive como meio de decisões e escolhas políticas, possibilita que a “força plasmadora da língua” (ZAGREBELSKY, 2010, p. 4) se intensifique: pelo seu alcance que é mais amplo, mas também pelas novas capacidades de conquistar a hegemonia do discurso a partir de uma linguagem simples, elementar, vulgar, bruta, agressiva e rápida. A linguagem de Jair Bolsonaro é eficaz na medida em que chama aceleradamente a atenção dos indivíduos a partir símbolos, palavras e imagens emotivas. Assim, compreender a investigação sociológica de Mannheim sobre condicionamento social das ideias, os valores e os interesses dos agentes em relação com a sua visão de mundo, é tão importante para compreender o ser humano quanto a investigação da aparência e da estética social de Barbara Carnevali. A forma e o conteúdo do discurso emotivo de Jair Bolsonaro podem ser analisados pelo senso e pelo significado que assumem as suas palavras: Brasil, povo, brasileiros, sempre se referem a visão de mundo neoliberal e neoconservadora. A interação entre o líder e a massa digital é capaz de demonstrar, a partir dos “gestos”, a aparência social manifestada por Bolsonaro e seus seguidores (CARNEVALI, 2012).

Imagem 52 – Tweet Bolsonaro: “Meu partido é o Brasil”



Imagem 53 – Comentário dos Seguidores: Identificação com a voz do líder e Antipetismo



A imagem acima postada por Bolsonaro demonstra o fenômeno da “estetização da política” (CARNEVALI, 2012), em que são criados e produzidos *slogans*, imagens e símbolos capazes de moldar e plasmar gostos e identidades nos indivíduos. O uso da cor verde e amarelo, por exemplo, cores da bandeira brasileira e de grande parte das vestimentas associadas ao Brasil, foi apropriado por Jair Bolsonaro como a cor dos verdadeiros patriotas. O “não povo” (TARCHI, 2015) está associado a cor vermelha, cor do Partido dos Trabalhadores e dos comunistas. Assim, a cor é capaz de expressar a visão de mundo de uma

determinada pessoa e os interesses de um determinado grupo social. Da mesma forma, a imagem de Bolsonaro, banhada dos tons verde amarelo, tendo como pano de fundo a bandeira brasileira, tem como intenção mostrar um homem forte, simples e confiante com o futuro da nação. O céu limpo e a face sorridente significam a esperança num futuro melhor: sem a influência petista na vida dos cidadãos brasileiros e todo o mal que o PT centraliza e representa. Já a frase “O meu partido é o Brasil” expressa a crise de representação dos partidos tradicionais: Bolsonaro infere que com essa frase que não possui viés ideológico, logo, que não possui interesses partidários, distantes do interesse geral da nação.

A construção de um “sujeito digital” possibilitou um alcance amplo e heterogêneo; o advento da rede é capaz de unir em uma única rede social pessoas das mais diversas classes sociais, localidades, ideologias, identidades, dentre outras (DAL LAGO, 2017). E toda essa multiplicidade de indivíduos pode, na rede, sentir os mesmos medos e ser plasmado pelas mesmas mensagens emotivas. Da mesma forma os eleitores de Jair Bolsonaro abarcam uma variedade de pessoas e grupos: não é possível apontar para uma classe social, faixa etária ou grupo identitário específico, ainda que de maneira geral determinados grupos tenham preferências eleitorais majoritárias. Ainda assim, é possível dizer que a corrupção, a defesa do cidadão de bem e a segurança pública são as questões centrais que unificam grande parte do eleitorado de Bolsonaro (KALIL, 2018)

No que diz respeito à corrupção, é interessante notar que essa noção adquire entre os eleitores de Bolsonaro três significados distintos, ainda que interligados entre si: corrupção política, corrupção moral (ou inversão dos valores da família) e a corrupção que se refere a uma “confusão entre direitos e privilégios” (KALIL, 2018). O programa Bolsa Família, as cotas raciais e a lei Rouanet centralizam as críticas a essa terceira forma de corrupção: as mulheres, o movimento LGBTQIA+, os afrodescendentes e as pessoas de baixa renda que abusam de seus direitos e que “utilizam a vitimização, o mimimi para obter regalias do Estado e avançar sobre os cidadãos que não pertencem a essas minorias” (SOLANO, 2018, p. 19). Assim, o uso do politicamente correto também é execrado na medida em que proíbe a liberdade de expressão, o senso de humor e até mesmo profissões.

Imagem 54 – Tweet Bolsonaro: Confusão entre direitos e privilégios

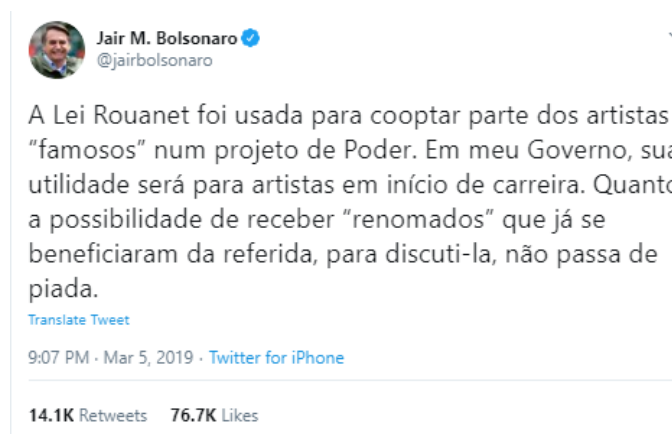


Imagem 55 – Comentário dos Seguidores: Corrupção política



Ainda que a figura do cidadão de bem e as questões da corrupção e da segurança pública centralizem o eleitorado de Bolsonaro, é interessante citar os diversos perfis existentes com base na pesquisa etnográfica realizada pela antropóloga brasileira Isabela Kalil (2018), entre os anos de 2016 e 2018, nas redes sociais e nos movimentos de protesto na rua, com aproximadamente mil pessoas. Também é importante ressaltar que esses perfis apenas agrupam as questões mobilizadas na eleição, não se trata de definir um tipo puro de eleitor.

- (1) O “cidadão de bem”: preocupado com a segurança de sua família e com o futuro da nação, acredita no fortalecimento das instituições como forma de acabar com a impunidade e a corrupção que assolam o Brasil;
- (2) O homem forte: assim como o cidadão de bem tem como uma das principais preocupações a impunidade, sobretudo no que diz respeito a questão da segurança pública. Acredita, contudo, que o armamento civil é a solução capaz de implantar a justiça no Brasil.

- (3) Os “nerds, gamers, hackers e haters”: acreditam que as conquistas das minorias são uma inversão de valores, e realizam ataques reativos na Internet. Foram fundamentais para a disseminação da imagem do “bolsomito” nas redes sociais.
- (4) Os “militares e ex-militares”: preocupados com a questão da segurança pública, com o aumento da criminalidade, com o tráfico de drogas e com o desordenamento da sociedade civil, culpabilizam os governos petistas por não darem a atenção devida a esses problemas.
- (5) As “femininas e bolsogatas”: acreditam que o esforço pessoal é o suficiente para o sucesso profissional, colocando-se contrárias ao termo e grande parte da pauta feminista, como a legalização do aborto. Ainda assim, a preocupação com a violência de gênero é central, ao lado das questões da criminalidade e da corrupção.
- (6) As “mães de direita”: preocupadas com a disseminação da ideologia de gênero e da ideologia marxista nas escolas e nas universidades, acreditam que a educação deveria ser feita sem viés ideológico.
- (7) Os “homossexuais conservadores”: preocupados sobretudo com as questões da segurança pública e da criminalidade, acreditam que o movimento LGBTQIA+ ataca os valores da família e a educação brasileira a partir da vulgarização pública dos costumes.
- (8) As minorias de direita: acreditam na pauta unificadora de Bolsonaro como forma de diminuir a fragmentação nacional produzida pelos governos de esquerda.
- (9) Os “estudantes pela liberdade”: um grupo profundamente heterogêneo, acreditam tanto que o voto em Jair Bolsonaro é “descolado” por se tratar de um candidato *outsider*, como na meritocracia no que diz respeito ao ingresso universitário.
- (10) Os “periféricos de direita”: preocupados com a violência, a impunidade, a falta de qualidade nos serviços públicos e o desemprego, defendem o Estado mínimo. Contudo, a definição de Estado mínimo não é clara para todos, na medida em que muitas vezes é associada apenas a não intervenção na vida privada dos cidadãos.
- (11) Os “meritocratas”: preocupados com a corrupção e com a improdutividade que pode ser induzida a partir de serviços públicos, acreditam no projeto neoliberal como principal meio de fazer o Brasil prosperar.
- (12) Os “influenciadores digitais”: preocupados com a corrupção, com o comunismo, com a ideologia de esquerda, marxista, de gênero e identitária,

acreditam que Bolsonaro é a melhor opção no momento e, por isso, produzem conteúdos digitais e disseminam a mensagem do líder.

- (13) Os “líderes religiosos”: preocupados com a corrupção dos costumes, acreditam que a defesa da família tradicional é a solução brasileira. Bolsonaro encarna esse projeto e tem como apoio líderes religiosos de ampla influência social.
- (14) Os “fiéis religiosos”: preocupados com corrupção, com a “islamização do mundo”, com a destruição moral da família tradicional e com a inversão de valores (como a criminalização das vítimas e a vitimização dos bandidos), acreditam que Bolsonaro é o único capaz de acabar com a impunidade.
- (15) Os “monarquistas”: acreditam que o passado brasileiro já foi glorioso e que a desordem atual poderia ser resolvida com uma mudança regime.
- (16) Os “isentos”: nem sempre concordam com todos os posicionamentos de Bolsonaro, mas acreditam que ele é o único que centraliza o sentimento antipetista e anticorrupção. Também acreditam que debates públicos apenas produzem fragmentação e desunião entre familiares e amigos, e que a polarização brasileira tem como origem o governo petista.

A partir desses perfis é possível observar como são articuladas as questões da corrupção, da defesa da família tradicional, da segurança pública, do combate à esquerda e ao PT, e da inversão de valores. Trata-se, sobretudo, de uma necessidade de combater as mentiras produzidas por esses grupos como forma de conquistar o poder a partir da manipulação dos cidadãos. Assim, tanto Jair Bolsonaro quanto os seus seguidores podem ser caracterizados por um “estilo hiperbólico e ofensivo de debate”: longe da formação de uma capacidade dialógica e reflexiva, o objetivo do discurso emotivo de Bolsonaro e dos comentários de seus seguidores é o convencimento de que as suas ideias, os seus valores e os seus ideias são os verdadeiros (DAL LAGO, 2017, p. 84).

Imagem 56 – Tweet Bolsonaro: Ataques às Mídias de Comunicação e Informação

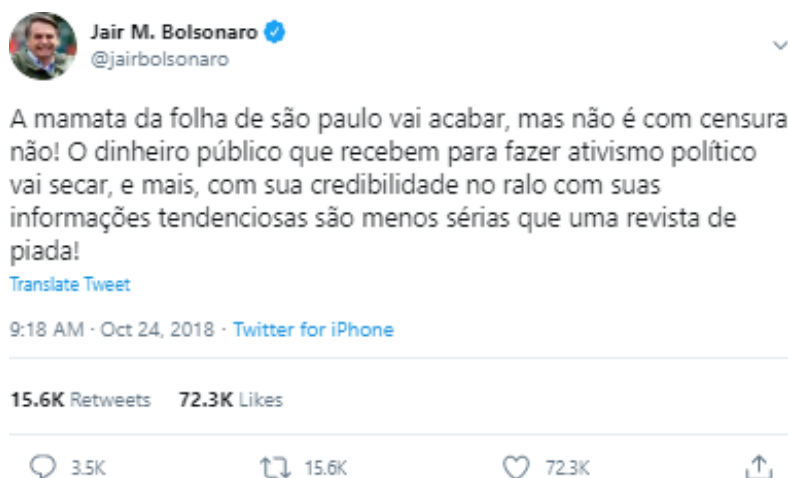


Imagem 57 – Comentário dos Seguidores: Antipetismo e Corrupção

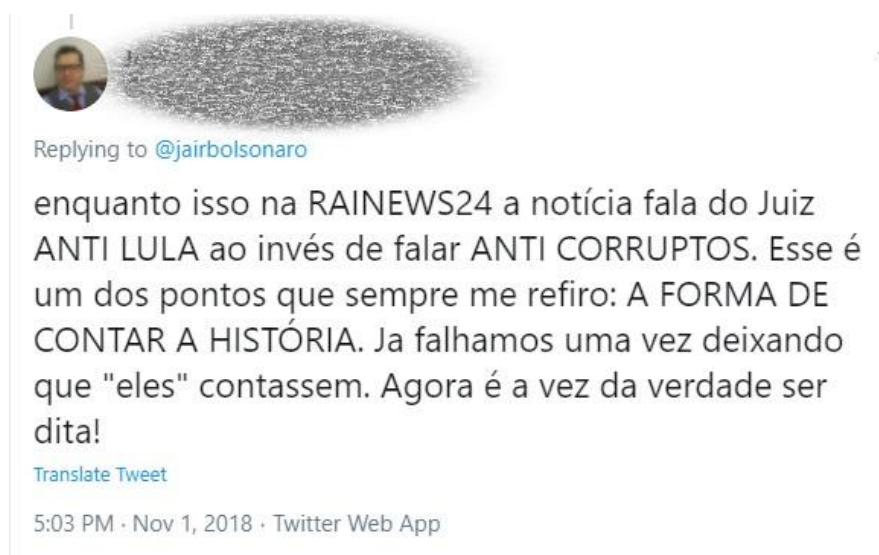


Imagem 58 – Comentário dos Seguidores: Ataques à Esquerda



Em suma, esses diversos perfis são capazes de mostrar a capilaridade com que a mentalidade populista de Jair Bolsonaro conseguiu se desenvolver no Brasil a partir do uso das redes sociais. O estabelecimento de uma comunicação direta entre líder e massa digital foi capaz de criar uma ilusão de intimidade ao mesmo tempo que possibilitou com que Bolsonaro compreendesse as frustrações, os medos, as angústias, os sofrimentos, as inquietações e as preocupações de parcela da população brasileira. Assim, a mobilização da figura do cidadão de bem, do brasileiro verdadeiro, autêntico e moral foi fundamental para uma estratégia política comunicativa baseada na polarização emocional entre o povo e o não povo. Dessa forma, Bolsonaro consegue ao desenvolver a sua linguagem política de alta performance emotiva, valorizar os costumes, os hábitos e as tradições do povo, sobretudo as religiosas, ao mesmo tempo que compreende e utiliza instrumental e politicamente os sentimentos difusos e generalizados de medo e ressentimento.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O fenômeno do populismo contemporâneo manifesta-se em território difuso e a nível planetário, possuindo um caráter multiforme de acordo com as especificidades de cada país. Por isso também é tamanha a dificuldade de precisá-lo enquanto um conceito unívoco. Para analisar o fenômeno do populismo contemporâneo e digital no Brasil, desenvolvido pelo presidente da república Jair Messias Bolsonaro, foi utilizada a definição do cientista político italiano Marco Tarchi (2015), do populismo enquanto uma “mentalidade” ou uma “*forma mentis*”. A escolha do autor se deve a sua proposta de analisar este fenômeno sem a carga pejorativa que costuma receber e, a partir da comparação de diversas definições do populismo, viabilizar uma definição precisa (TARCHI, 2015). Além disso, foi ressaltado que o populismo contemporâneo se difere das outras formas pretéritas do populismo, pois se desenvolve em um novo tempo histórico e espaço social, na era da globalização e da “política digital” (DAL LAGO, 2017). E também, foi evidenciado o papel que as emoções exercem na política (ILLOUZ, 2017) e como isso desfigura a democracia representativa (URBINATI, 2017).

A análise do fenômeno do populismo contemporâneo no Brasil foi feita a partir da investigação sociológica das postagens de Jair Bolsonaro na sua rede social *Twitter*, bem como a partir de alguns dos comentários de seus seguidores. Essa investigação teve como base os sociólogos Karl Mannheim e Georg Simmel, com auxílio da investigação da estética social da filósofa Barbara Carnevali e dos estudos linguísticos dos quadros de George Lakoff e dos emologismos de Giuseppe Antonelli. A proposta foi compreender de que maneira o condicionamento social das ideias se desenvolve a partir da racionalidade neoliberal e neoconservadora no Brasil por meio de uma nova forma de interação na era digital e global. O apelo identitário desenvolvido por Bolsonaro a partir do *storytelling*, dos emologismos e da narração foi fundamental para compreender de que maneira uma nova forma de linguagem política: simples, curta, rápida, vulgar e agressiva com os inimigos, disseminada e difundida pelo líder populista foi capaz de reenquadrar a visão de mundo do povo brasileiro e de plasmar suas identidades e gostos tendo em vista os interesses do líder.

O papel e a função social e política que os novos medos e o ressentimento assumem na era da globalização, foram essenciais para compreender como a mentalidade populista é desenvolvida no Brasil. A comunicação direta entre líder e massa digital possibilitada pelo advento da rede, para além de produzir uma nova forma de interação e de linguagem,

caracteriza uma realidade em que os novos medos passam a ser globais. É possível apontar diversas causalidades. O sistema capitalista neoliberal e técnico-financeiro tem em sua substância a capacidade de expulsar (categoria utilizada pela socióloga Saskia Sassen) pessoas, o que significa tornar indivíduos descartáveis. Além disso, o processo produtivo modificado pelas revoluções tecnológicas impactou profundamente o mundo do trabalho: as seguranças e proteções características do Estado social são despotencializadas em sua importância e em sua capacidade de ação social. Assim o imperativo do indivíduo-empresa que desloca a punição econômica para o indivíduo (DARDOT; LAVAL, 2015) e a queda no nível de vida material, somam-se ao fenômeno da “aceleração social” (ROSA, 2013).

Foi possível demonstrar como as transformações tecnológicas e as mudanças nos modos e no ritmo da vida impulsionaram um profundo ressentimento para com a nova ordem social e um sentimento difuso e geral de desconfiança com os partidos tradicionais e as instituições representativas da modernidade. Na medida em que a modernidade também possibilitou os processos emancipatórios de diversos grupos sociais e identitários, a construção política da figura do inimigo pelos líderes populistas culpabilizou não apenas as elites dirigentes nacionais e transnacionais, mas também as minorias que recentemente conquistaram reconhecimento, direitos e status econômico. Assim, a modernidade pode ser caracterizada como um mundo em que os pontos de referências e os modelos de orientação são constante e permanentemente modificados. A ausência de certezas e de seguranças provenientes de ordens sociais pretéritas, como o Estado Nação e a religião, sem dúvida influencia na constituição de um novo fenômeno: o da desorientação social. Viver em um mundo em que o desconhecido assume protagonismo possui diversas consequências sociais, políticas, cognitivas, psíquicas e emotivas.

Elias Canetti (1995, p. 13) afirmou: “não há nada que o homem mais tema que o contato com o desconhecimento”, e isso fica cada vez mais claro quando estabelecemos o nexos entre os novos medos e a constituição de uma nova ordem social. O populismo contemporâneo é um fenômeno inaudito porque se desenvolve em um tempo histórico e espaço social também inaudito: a era da globalização. Dessa forma, é frente ao novo, à diversidade e ao desconhecido que os diversos líderes populistas e os seus eleitores reagem. A ameaça das certezas e seguranças anímicas junto às diversas frustrações com a vida e o mundo, possibilitam a instrumentalização política dos novos medos e do ressentimento a partir das redes sociais, cujos impactos podem ser visualizados e sentidos na esfera real da política.

Assim, foi possível ressaltar como a ênfase no eu racional impossibilita a compreensão da própria realidade, pois o voto e as escolhas políticas também se constituem com base no eu emotivo, nas identidades e nos valores, e não apenas na busca por satisfação dos interesses pessoais.

Destacamos, portanto, o processo de deslocamento da representação para a esfera individual da figura do líder, que a partir da interação digital, é capaz de perceber as fragilidades do ser humano e os novos medos que afetam o indivíduo supermoderno. Assim, a construção social da figura do inimigo pode ser facilmente mobilizada quando Jair Bolsonaro simplifica a realidade complexa, múltipla e tensa que é a contemporaneidade, por meio de uma visão de mundo dicotômica e maniqueísta que distingue os cidadãos de bem e os cidadãos do mal, corruptos e imorais. Desse modo, a investigação sociológica do discurso político emotivo e da estética social de Jair Messias Bolsonaro, evidenciou as articulações temáticas mobilizados pelo presidente e por seus seguidores no *Twitter*. A partir de um peculiar entrelaçamento entre a racionalidade e a visão de mundo neoliberal e neoconservadora, foi possível compreender como Bolsonaro redefine as noções de povo, nação e sociedade quando se refere a um sentido e significado muito específico de família, de segurança pública, de combate à corrupção política e moral, de combate à ideologia (sempre de esquerda) na política e na sociedade e de progresso, desenvolvimento e prosperidade.

Em suma, é possível dizer que a mentalidade populista desenvolvida por Jair Messias Bolsonaro no Brasil, faz parte do fenômeno inaudito que é o populismo contemporâneo na era digital e na era da globalização. A instrumentalização política e emotiva dos novos medos e do ressentimento é fundamental para que Bolsonaro seja capaz de produzir um discurso, cujo impacto emotivo é imenso, de negação da ordem social atual, e de todas as conquistas desse processo. A inflamação da massa digital pela linguagem vulgar, simples e agressiva do presidente possibilita a afirmação de uma nova ordem: a esperança por um futuro melhor e próspero, além de expor a questão do desenvolvimento econômico, oculta um profundo processo de transformação da democracia ao propor um Estado social exclusivo e excludente, que legitima a manutenção das desigualdades sociais, econômicas, étnica-raciais e de classe.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABRANCHES, Sérgio. Polarização radicalizada e ruptura eleitoral. In: Vários autores. **Democracia em risco?** 22 ensaios sobre o Brasil hoje. São Paulo: Companhia das Letras, 2019, 1ª ed.

ALMEIDA, Ronaldo de. Deus acima de todos. In: Vários autores. **Democracia em risco?** 22 ensaios sobre o Brasil hoje. São Paulo: Companhia das Letras, 2019, 1ª ed.

AMSELLE, Jean-Loup. L'Ethnicisation de la Politique (Suite). **Editions Ligne**, nº 55, 2018/1, pp. 137-148.

ANDRADE, Maria Paula. Pesquisa demonstra que Brasil é um país ansioso. **Jornal da USP**. 5 de dezembro de 2018. Disponível em: <https://jornal.usp.br/atualidades/pesquisa-demonstra-que-o-brasil-e-um-pais-ansioso/>. Acesso em: 14 de junho de 2020.

ANTONELLI, Giuseppe. **Volgare Eloquenza**. Como le parole hanno paralizzato la politica. Bari-Roma: Editori Gius, Laterza & Figli, 2017.

ARENDT, Hannah. **Origens do Totalitarismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

AUGÉ, Marc. **The Future**. London, New York: Verso, 2014a [*E-book, sem paginação*].

AUGÉ, Marc. La esencia de la humanidad está en el movimiento. [Entrevista concedida a] MATEU, Anna; PUJANTE, Domingo. **Mètode**, nº 81, pp. 84-89, primavera de 2014b. Disponível em: <https://metode.es/revistas-metode/monograficos/marc-auge-2.html>. Acesso em 25 de maio de 2020.

AUGÉ, Marc. **Los Nuevos Miedos**. México: Paidós, 2015.

BAUMAN, Zygmunt. Foreword: Individually, Together. In: BECK, Ulrich; BECK-GERNSHEIM, Elisabeth. **Individualization**: institutionalized individualism and its social and political consequences. London: Ed. Sage: 2009.

BECK, Ulrich; BECK-GERNSHEIM, Elisabeth. **Individualization**: institutionalized individualism and its social consequences. London: Ed. Sage, 2009.

BROWN, Wendy. **Undoing the Demos**: neoliberalism's stealth revolution. New York: Zone Books, 2015.

BURGIO, Alberto. **Nonostante Auschwitz**. Il "retorno" del razzismo in Europa. Roma: Derive Approdi, 2010.

CALEIRO, João Pedro. Os dados que mostram a desigualdade entre negros e brancos no Brasil. **Exame**, 20 de outubro de 2018. Disponível em: <https://exame.com/brasil/os-dados-que-mostram-a-desigualdade-entre-brancos-e-negros-no-brasil/>. Acesso em 24 de junho de 2020.

CANETTI, Elias. **Massa e Poder**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

CARNEVALI, Barbara. **Le Apparenze Sociali**. Una filosofia del prestigio. Bologna: El Mulino, 2012.

CARVALHO, José Murilo de. **Cidadania**: o longo caminho. Rio de Janeiro : Civilização Brasileira, 2001.

CREDIT SUISSE Research Institute, **Global Weath Report**, 2019.

DAL LAGO, Alessandro. **Populismo digitale**. La crise, la rete e la nuova destra. Milano: Raffaello Cortina Editore, 2017.

DARDOT, Pierre; LAVAL, Christian. **A Nova Razão do Mundo**. Ensaio sobre a sociedade neoliberal. 1ª ed. São Paulo: Boitempo, 2016.

Datafolha de 25 de outubro para presidente por sexo, idade, escolaridade, renda, região, religião e orientação sexual. **G1**, 26 de outubro de 2018. Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/eleicoes/2018/eleicao-em-numeros/noticia/2018/10/26/datafolha-de-25-de-outubro-para-presidente-por-sexo-idade-escolaridade-renda-regiao-religiao-e-orientacao-sexual.ghtml>. Acesso em 15 de setembro de 2020.

ERCOLANI, Paolo. **Figli di un io minore**. Venezia: Marsilio Editori, 2019.

ERCOLANI, Paolo. Quel capitalismo che si sta distruggendo! **L'Espresso**. **L'urto del pensiero**. Itália, 12 de dezembro de 2018, sem paginação.

FAVERIN, Victor. Brasil tem a maior taxa de ansiedade do mundo. **Revista Cipa – Segurança do Trabalho**, 12 de setembro de 2019. Disponível em: <https://revistacipa.com.br/brasil-tem-maior-taxa-de-ansiedade-do-mundo/>. Acesso em: 14 de junho de 2020.

FORTE, Bárbara. Por que o Brasil é o sétimo país mais desigual do mundo. **UOL**, São Paulo, 20 de fevereiro de 2020. Disponível em: <https://www.uol.com.br/ecoa/ultimas-noticias/2020/02/20/por-que-brasil-e-o-setimo-pais-mais-desigual-do-mundo.htm?cmpid=copiaecola>. Acesso em 22 de junho de 2020.

FREUD, Sigmund. **Psicologia das massas e análise do eu e outros textos (1920-1923)**. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

HAN, Byung-Chul. **No Enxame**: perspectivas do digital. Petrópolis, Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2018.

HEIDEGGER, Martin. **A Caminho da Linguagem**. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes; Bragança Paulista, SP: Editoria Universitária São Francisco, 2003.

HOCHSCHILD, Arlie Russel. **Strangers in their own land**: anger and mourning on the american right. New York: Ed. New Press, 2016.

HOCHSCHILD, Arlie Russell. **The Outsourced Self**: what happens when we pay others to live our lives for us. New York: Ed. Picador, 2012.

IBGE: 35,7% dos brasileiros vive sem esgoto, mas 79,9% já tem acesso à internet. **Portal Saneamento Básico**. São Paulo, 7 de outubro de 2019.

IBGE. Características gerais da população, religião e pessoas com deficiência. **Censo demográfico – censo 2010**. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/populacao/9662-censo-demografico-2010.html?edicao=9749&t=destaques> Acesso em 15 de setembro de 2020.

ILLOUZ, Eva. Le populisme émotionnel menace la démocratie. [Entrevista a] TRUONG, Nicolas. **Le Monde**. França, 25 de julho de 2017. Disponível em: https://www.lemonde.fr/festival/article/2017/07/25/eva-illouz-le-populisme-emotionnel-menace-la-democratie_5164585_4415198.html. Acesso em 4 de agosto de 2020.

ILLOUZ, Eva. **Why love hurts: a sociological explanation**. Cambridge: Polity Press, 2012.

IPEA. **Atlas da Violência 2020**. (Coord) CERQUEIRA, Daniel; BUENO, Samira. Ministério da Economia, 2020. Disponível: <https://www.ipea.gov.br/atlasviolencia/download/24/atlas-da-violencia-2020> Acesso em 19 de setembro de 2020.

KALIL, Isabela Oliveira. **Quem são e no que acreditam os eleitores de Jair Bolsonaro**. São Paulo: Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo, 2018.

LAKOFF, George. **Don't think of an elephant!** Know your values and frame the debate. Vermont: Chelsea Green Publishing, 2004.

LE BON, Gustave. **Psychologie des foules**. Paris: Librairie Félix Alcan, Éditeur, 1919, 25ª edição.

MANNHEIM, Karl. **Ideology and Utopia**. An introduction to the sociology of knowledge. Londres: Routledge & Kegan Paul, 1936.

MISHRA, Pankaj. The Liberal Order Is the Incubator for Authoritarianism: a conversation with Pankaj Mishra. [Entrevista a] WADE, Francis. **Los Angeles Review of Books**, 15 de novembro de 2018. Disponível em: <https://lareviewofbooks.org/article/the-liberal-order-is-the-incubator-for-authoritarianism-a-conversation-with-pankaj-mishra/> Acesso em 17 de junho de 2020.

O'NEIL, Cathy. **Weapons of Math Destruction**. How Big Data Increases Inequality and Threatens Democracy. New York: Broadway Books, 2017.

PESSOA, Fernando/ SOARES, Bernardo. **Livro do Desassossego**. (Org) ZENITH, Richard. São Paulo: Companhia das Letras, 2006, 1ª ed.

ROBIN, Corey. **Fear: the history of a political idea**. New York: Oxford University Press, 2004.

ROSA, Hartmut. **Social Acceleration: a new theory of modernity**. New York: Columbia University Press, 2013.

ROSSEAU, Jean-Jacques. **Discurso sobre a Origem e os Fundamentos da Desigualdade entre os Homens**. São Paulo: Editora Nova Cultural Ltda, Coleção os Pensadores, volume II, 2000.

SOLANO, Esther. Crise da democracia e extremismos de direita. **Análise**, nº 42, maio de 2018, pp. 1-29.

TARCHI, Marco. **Italia Populista**. Dal qualunquismo a Beppe Grillo. Bologna: Il Mulino, 2015.

URBINATI, Nadia. *Democracy Disfigured: opinion, truth, and the people*. Massachusetts: Harvard University Press, 2014.

VIRILIO, Paul. **The Administration of Fear**. [Entrevista concedida a] RICHARD, Bertrand. Los Angeles: Semiotext(e), 2012.

WHITE, Daphne. Berkeley author George Lakoff says, ‘Don’t underestimate Trump’. **Berkeleyside**. 2 de maio de 2017. Disponível em: <https://www.berkeleyside.com/2017/05/02/berkeley-author-george-lakoff-says-dont-underestimate-trump>. Acesso em 9 de maio de 2020.

ZAGREBELSKY, Gustavo. **Sulla lingua del tempo presente**. Torino: Giulio Einaudi Editori, 2010.

ZOLO, Danilo. **Sulla paura**: fragilità, aggressività, potere. Itália: Giangiacomo Feltrinelli Editore Milano, Prima edizione in “Campi del sapere”, 2011.